



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

SÓNIA MARIA RAMOS GONÇALVES

**A PERCEÇÃO DAS MULHERES CABO-VERDIANAS SOBRE A SUA AGÊNCIA
NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS: O CASO DE SÃO LOURENÇO DOS ÓRGÃOS
ENTRE 2009-2019**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

SÓNIA MARIA RAMOS GONÇALVES

**A PERCEÇÃO DAS MULHERES CABO-VERDIANAS SOBRE A SUA AGÊNCIA
NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS: O CASO DE SÃO LOURENÇO DOS ÓRGÃOS
ENTRE 2009-2019**

Trabalho de Conclusão de Curso – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

G629p

Gonçalves, Sónia Maria Ramos.

A percepção das mulheres cabo-verdianas sobre a sua agência na educação dos filhos : o caso de São Lourenço dos Órgãos entre 2009-2019 / Sónia Maria Ramos Gonçalves. - 2020. 74 f.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2020.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade.

1. Mãe e filhos - Cabo Verde - Educação. 2. Mulheres - Identidade. 3. São Lourenço dos Órgãos (Cabo Verde) - História - 2009-2019. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 370.1109665

SÓNIA MARIA RAMOS GONÇALVES

**A PERCEÇÃO DAS MULHERES CABO-VERDIANAS SOBRE A SUA AGÊNCIA
NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS: O CASO DE SÃO LOURENÇO DOS ÓRGÃOS
ENTRE 2009-2019**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em 07/02/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Ana Rita de Cassia Santos Barbosa

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Deolindo Nunes de Barros

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Dedico esse trabalho a toda minha família, em especial a minha mãe, minha avó e minhas tias, que mesmo diante de inúmeras dificuldades na vida, não deixaram de lado os estudos dos filhos.

AGRADECIMENTOS

Certamente durante o período de curso e a elaboração desse trabalho, pude adquirir várias experiências e deparei-me com pessoas magníficas que de alguma forma contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico, como amadurecimento intelectual e pessoal. Sendo assim, tenho muito que agradecer e, em primeiro lugar, agradeço a minha mãe Domingas Moreno, uma mulher batalhadora, determinada, uma referência de mulher para mim, que diante de várias dificuldades não desistiu da formação dos seus filhos, a qual sempre foi sua prioridade, e ainda, pelo apoio e incentivo que tem me dado constantemente nesse percurso. Minha eterna gratidão a essa mulher.

Agradeço a minha orientadora, doutora e professora Rutte Tavares Cardoso Andrade por ter disponibilizado seu tempo afetuosamente comigo nessa monografia, pelo carinho, pela orientação, pelo aprendizado e, essencialmente, pelas trocas de experiências sobre nossas vivências enquanto mulheres cabo-verdianas na sociedade contemporânea. Meu muito obrigado.

As minhas irmãs: Neia, Elsa, Branca e Elly, meus irmãos: Dino, Mano, Flávio, Vi e Papau, e meu primo Júnior pela atenção, motivação e ajuda financeira (quando necessária), a qual tem dado, para trilhar meus sonhos e ser uma mulher autônoma. Ao meu parceiro, Romualdo Agostinho Da Costa, por todo apoio, encorajamento e fortalecimento nos momentos que pensei desistir dessa caminhada. Por fim, e não menos importante, gostaria de agradecer as mulheres (Neia, Ludi, Floribela, Teresa e Zita), que disponibilizaram seus relatos para a construção da minha pesquisa empírica. E, ainda, todos e todas que de forma direta ou indireta fez parte dessa minha caminhada cá no Brasil.

Portanto, de uma forma geral quero agradecer a todos, tanto meus familiares e amigos em Cabo Verde que sempre fizeram presentes, nos bons e maus momentos que passei cá no Brasil, assim como os bons amigos (Jacica Fernandes, Giselle Mendes, Fernando Colonia, Eduardo Garcia, Kidelminha Pereira, Sandra Nassanca, Nu Monteiro, Natalia Cá, Aramata Injai, Rosa Balde, Itelvina Fernandes, Nilton Gomes, Joselda Umbelina, Adaysan Neto, Domingos Faustino, Nagato, Belisa Amaral, Aline, Maluzita, Leticia, Eugenio, Felipe Buba... entre outros a qual não mencionei aqui) que a Unilab me proporcionou, meu muito obrigada pelos momentos compartilhados, momentos estes que fizeram com que a caminhada e a distância de casa ficassem menos árdua. Também agradeço muito a minha turma de pedagogia pelos momentos e contribuições proporcionados em sala, em especial as minhas queridas

colegas Noemia Armando Monteiro e Natália Ernesto Cá, (minha dupla dos estágios), pela parceria de sempre e emoções partilhadas. Muito obrigada meninas.

Finalizando, agradeço todos os professores do curso de Pedagogia pelo ensinamento, conjunto de saberes proporcionados sobre a docência e pelas experiências adquiridas que me acompanharão pela vida toda no exercício da minha profissão na educação, em especial as Profas. Dras. Claudilene Maria da Silva, Cristina Teodoro, Ana Rita de Cassia Santos Barbosa, Andreia Cardoso Silveira e Carla Veronica Albuquerque Almeida, os Profs. Drs. Ricardo Matheus Benedicto, Fernando Jorge Pina Tavares e Carlinho Fausto Antônio.

Nha fidjus, nhos studa ku juíz, pamodi scola é uniku eraña kim podi
deixa nhos kual. (MORENO, Domingas)

RESUMO

O presente trabalho aborda a percepção das mulheres cabo-verdianas sobre a sua agência na educação dos filhos na cidade de São Lourenço dos Órgãos, entre 2009 a 2019. A pesquisa visa compreender a percepção que as mulheres cabo-verdianas têm sobre seu papel na formação dos filhos tencionando o papel de gênero fomentado pela sociedade de matriz colonial. Os discursos produzidos sobre o gênero em torno dos processos históricos coloniais em Cabo Verde conferem as mulheres a responsabilidade pelos cuidados na educação dos filhos. Na construção da presente pesquisa pautamos pelos (as) intelectuais africanos (as) e clássicos (as) do continente e da diáspora, que têm abordado a discussão sobre mulheres africanas a partir da matriz civilizatória africana, considerando o princípio do matriarcado e o lugar social ocupado pelas mulheres africanas ao longo da história. De entre eles (as), destacamos o historiador e antropólogo senegalês Cheik Antah Diop (1959), a antropóloga e poeta nigeriana Ifi Amadiume (1997), Profa. caboverdiana Eurides Monteiro (2015) a professora de gênero e literatura oral africana Sotuna Mobolande Ebunoluwa (2009) e a pesquisadora nigeriana Oyeronke Oyewumi (2004), as quais vêm trazendo algumas discussões e reflexões sobre a concepção da mulher relacionada a maternidade, a fim de romper com o discurso ocidental de gênero aplicado as mulheres no contexto africano. No que se refere às estratégias metodológicas, as entrevistas foram utilizadas como principal estratégia para a realização desta pesquisa, pois ela nos permitiu um contato direto com as interlocutoras, possibilitando uma aproximação da realidade por elas vivenciadas, a mesma foi de caráter qualitativo. Com a pesquisa conclui-se que a percepção das mulheres cabo-verdianas sobre a sua agência na educação dos filhos, o caso de São Lourenço dos Órgãos entre 2009-2019, está diretamente ligada aos discursos socialmente construídos sobre elas, como as principais responsáveis pela educação dos filhos, considerando a influência dos processos históricos como a colonização e imposição da cultura eurocêntrica.

Palavras-chaves: Mãe e filhos - Cabo Verde - Educação. Mulheres - Identidade. São Lourenço dos Órgãos (Cabo Verde) - História - 2009-2019.

RIZUMU

Kel trabadju li sa bem trata di percepson ki mudjeris kaboverdianas tem na ses representason na iducason di ses fidjus, na cidadi di Son Lourenso di Órgons, na anu 2009 a 2019. És peskisa tem sima obietivu Komprendi ideia ki mudjeris kaboverdinas tem sobri ses papel na formason di fidjus, pa questiona papel di generu impostu na sociedi, a basi di matriz colonial. Leba em conta discursos produzidu riba generu femininu ku basi na procesu historicus colonial na Kabu Verdi, sima principal responsável pa cuida di formason di fidjus i di kasa. Pa cria es peskisa nu basia na pesquisadoris (as) africanus, clássikus, di continenti e di diáspora ki ta studa discuson sobri mudjeris africanas ku foco na matriz civilizatóra e ta leba em conta importância di matriarcadu. Entri es, nu destaca istoriador e antropólogo senegalês Cheik Antah Diop (1959), antropóloga i poeta nigeriana Ifi Amadiume (1997), pursora di generu i literatura oral africana Sotuna Mobolande Ebunoluwa (2009) i pisquisadora nigeriana Oyeronke Oyewumi (2004), undi, es ta trazi alguns discusons i reflexons sobri concepson di mudjer relacionadu a maternidadi, a fim de rumpi ku discursu ocidental di gêneru pa mudjer na contextu africanu. Na estratégia metodológiku nu usa entrevista sima principal estratégia, pa realiza pesquisa, undi é danu um kontaktu diretu ku alguém ki participa na pesquisa i danu um aproximason ku ses realidade di dia a dia, undi pesquisa é di caráter qualitativo. Ku pesquisa nu txiga concluson ma percpson di mudjeris kaboverdianas na si representason di iducason di fidjus, na Son Lourenson di Órgons na 2009 a 2019, sta ligadu diretu na discursus construídu socialmenti pa es mudjeris, sima principal responsável pa formason de ses fidjus, i nu ta considera pesu i processos istoriku sima kolonizason i imposison di ses diskursu eurocentriku.

Palabra djabi: Generu, Iducason di fidjus, Kabu Verdi. Mudjer,

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ICIEG - Instituto Cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade de Género

INE - Instituto Nacional de Estatística

MORAB - Associação Cabo-verdiana de Auto- promoção da Mulher

MPD - Movimento Para a Democracia

OMCV - Organização das Mulheres de Cabo Verde

ONU - Organização das Nações Unidas

PAICV - Partido Africano da Independência de Cabo Verde

PAIGC - Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde

PCD - Partido da Convergência Democrática

PDC - Partido Democrata Cristão

PNIG - Plano Nacional de Igualdade de Género

PRD - Partido da Renovação Democrática

PSD - Partido Social Democrático

PTS - Partido do Trabalho e da Solidariedade

RMPCV - Rede de Mulheres Parlamentares de Cabo Verde

TNR - Trabalho Não Remunerado

UCID - União Cabo-verdiana Independente e Democrática

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 | DIÁLOGOS EXUZILADOS: MULHER, GÊNERO E MATERNIDADE | 16 |
| 2.1 | MATRIARCADO E AGÊNCIA DAS MULHERES AFRICANAS A PARTIR DA PERSPECTIVA DO LUGAR | 16 |
| 2.2 | PENSANDO O PROBLEMA DE GÊNERO | 23 |
| 2.3 | O MULHERISMO AFRICANA E AGÊNCIA DAS MULHERES AFRICANAS NO CONTINENTE E NA DIÁSPORA | 29 |
| 2.4 | O PAPEL DAS MULHERES NA SOCIALIZAÇÃO DOS FILHOS | 30 |
| 3 | EDUCAÇÃO E PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM CABO VERDE | 40 |
| 3.1 | CABO VERDE NO CRUZAMENTO DA ÉPOCA: OS DESAFIOS DA LUTA E INDEPENDÊNCIA DO PAÍS | 42 |
| 3.2 | DISCURSOS QUE DIRECIONAM A MULHER A PARTICIPAR DIRETAMENTE NA FORMAÇÃO COTIDIANA DOS FILHOS | 48 |
| 4 | CONSTRUINDO DADOS EMPÍRICOS DA PESQUISA | 54 |
| 4.1 | RECORTE METODOLÓGICO QUE TECEU A PESQUISA | 54 |
| 4.2 | CARATERIZAÇÃO DOS INTERLOCUTORES E LÓCUS DE PESQUISA | 55 |
| 4.3 | ITINERÁRIO E EXPERIÊNCIAS VIVIDA E DOIDAS POR MULHERES | 58 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 67 |
| | REFERÊNCIAS | 70 |
| | APÊNDICE | 72 |

1 INTRODUÇÃO

Toda pesquisa se inicia com algum tipo de indagação, e neste caso a inquietação levantada para o presente trabalho surgiu da necessidade de pensar a percepção das mulheres sobre seu protagonismo na educação dos filhos. Vamos focalizar sobre as experiências das mulheres cabo-verdianas, mais especificamente as mulheres da cidade de São Lourenço dos Órgãos entre 2009 a 2019. A motivação em trabalhar o tema em apreço se deu após uma das conversas com um dos professores doutores cabo-verdianos na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – (UNILAB), e sobre a minha vivência enquanto mulher cabo-verdiana na sociedade contemporânea.

Deste modo, esta monografia tem como objetivo, compreender a percepção das mulheres cabo-verdianas sobre a sua agência na educação dos seus filhos e refletir a percepção das mesmas acerca disso perante os discursos produzidos sobre o gênero feminino como o responsável para participar ativamente na socialização dos seus filhos. A escolha do tema, também se deu como disse, a partir da vivência dentro da minha família, onde as minhas tias por parte da minha mãe, até uns 5 anos antes da minha saída do país, não tinham ou têm consciência dos papéis pré-definidos que vivemos dentro da família. Compreendo que elas, nem eu, tínhamos/temos uma visão crítica sobre esses papéis que são construídos socialmente e muito menos uma visão construtiva de que elas são capazes de deixar esse “lugar/espço” onde muitas ainda percebem como um lugar só delas, algo que não deve ser demandado ou contestado.

Ainda a análise para esse tema também partiu de uma vivência dentro da minha cidade São Lourenço dos Órgãos, onde durante todo o meu percurso escolar pude observar a presença feminina nas escolas locais e a percepção dos homens a não ocupar esses espaços, por receio de serem taxados por nomes pejorativos, a exemplo de: “mudjerinha”¹, expressão essa que muitas das vezes causa situações desagradáveis na família ou até mesmo na rua entre amigos e conhecidos, da qual leva muitos homossexuais a tirar sua própria vida. Não só no que diz respeito a compor o corpo docente, mas também como mulheres fazendo parte direto da vida escolar dos seus filhos.

¹ Nome pejorativo designado aos homossexuais em Cabo Verde. É utilizado quando por pessoas heterossexual, com intuito de rebaixar ou insultar os homossexuais.

Propomos pensar esse tema privilegiando o saber local, isto é, as experiências das mulheres cabo-verdianas. Cabo Verde é um país insular situado no meio do Atlântico, cerca de quinhentos quilômetros da costa ocidental da África, composto por dez ilhas e cinco ilhéus numa área emersa de 4.033km². Segundo a historiografia, Cabo Verde foi descoberto em 1460 sem indícios da presença humana, pelos portugueses à procura da expansão marítima do comércio no século XV. O arquipélago está dividido em dois grupos, sendo estes denominados de Barlavento e Sotavento. O primeiro está localizado mais ao norte, é composto por (Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia (desabitada)¹, São Nicolau, Sal, Boavista) e o ilhéus nomeadamente Branco e Rambos. O segundo se encontra situado mais ao Sul do arquipélago, é formado pelas ilhas do (Maio, Santiago, Fogo, Brava) e os ilhéus Secos e Rasos.

O país tem uma população estimada de 549.192 habitantes, composto por 272 259 da população masculina (49.6%) e 279 933 da população feminina (50.4%), sendo a maioria jovens com idade média de 23 anos (Country, 2020). A atividade econômica se assenta na agricultura, pesca, turismo e apesar dos sobressaltos devido à crise financeira mundial, o Produto Interno Bruto – PIB, cresceu de 4,7% e 4%, por causa dos resultados o país é considerado de rendimento médio visto que fatores tais como a baixa escala da população, consumo, as exportações e a diversificação do turismo contribuíram para o crescimento e desenvolvimento do país (WORLD BANK, 2019). A nível político, Cabo Verde é considerado um país estável e democrático pela inexistência de golpes de Estados e de uma forma genérica os direitos humanos são respeitados, apesar de afirmações sobre insatisfação no desempenho do Governo em relação ao combate às desigualdades econômicas.

Em todas as escolas onde estudei a maioria dos profissionais que fazia parte do corpo docente eram mulheres, do fundamental ao ensino médio pude perceber essa demarcação de lugares na minha cidade. São Lourenço dos Órgãos é um conselho do interior, situado bem no centro da ilha de Santiago, localiza-se nas proximidades de São Domingos e Picos outros dos municípios de Cabo Verde que ficam na ilha de Santiago. Órgão possui cerca de 6.990 habitantes, conforme os dados do Instituto Nacional de Estatísticas (INE), 2018², entre estes, 50.2% são do sexo masculino e 49.8% são do sexo feminino.

Diante desse contexto, trazer informações e lavamentos bibliográficos com o intuito de responder a seguinte questão de pesquisa: quais as percepções que as mulheres cabo-verdianas têm sobre seu papel na formação de seus filhos? Uma das razões pelas quais propomos realizar

² Dados disponibilizados via email pelo serviço de apoio a utilizador do Instituto Nacional de Estatísticas (INE), no dia 19.11.2019.

esta pesquisa é que almejamos trazer resultados novos que possam contribuir e fortalecer a luta das mulheres em busca de uma autonomia mais consistente e solidária. Assim, acredito que o trabalho possui relevância e pode gerar outras compreensões a respeito do olhar da mulher sobre seu papel na formação dos seus filhos. E, ao discutir as percepções das mulheres sobre seu papel na atuação da vida escolar de seus filhos, certamente também estaremos olhando para os papéis socialmente construídos para os homens.

O presente trabalho possui uma relevância social, na medida em que poderá trazer novas reflexões e valorização das mulheres cabo-verdianas no que diz respeito aos seus lugares predestinados na sociedade, construir novos canais de compreensão sobre a constituição dessas sociedades, onde as mulheres ocupam um papel central na formação efetiva dos seus/suas filhos/as, e, por outro lado, gerar impactos consideráveis como obter um número maior das mulheres em outros âmbitos sociais.

No que se refere às estratégias metodológicas para a realização da pesquisa, como principal estratégia utilizamos metodologia qualitativa, objetivando entrevistas semiestruturadas. Com relação ao levantamento técnico, a pesquisa foi bibliográfica e experimental, pois ela possibilitou um contato mais direto com as pessoas que participaram da pesquisa e uma aproximação da realidade por elas vivenciadas.

No que tange à estrutura e organização, o presente trabalho foi organizado em três capítulos, considerações finais e referências bibliográficas. No primeiro capítulo, buscamos através de abordagens teóricas-práticas problematizar a conceitualização do gênero, da mulher e da maternidade, baseando-se na perspectiva do pesquisador senegalês Cheikh Anta Diop (1959), antropóloga e poeta nigeriana Ifi Amadiume (1997), professora de gênero e literatura oral africana Sotuna Mobolande Ebunoluwa (2009) e pesquisadora nigeriana Oyeronke Oyewumi (2004), e dar nossa contribuição no que tange a essas categorias.

No segundo capítulo, foi trabalhado o conceito de educação, processos de socialização e contextualização da educação em Cabo Verde, para a partir disso entender a relação e a forma com que a educação do país influencia diretamente nos discursos produzidos sobre o gênero. E, no último capítulo, o nosso foco constituiu fundamentalmente, na análise dos dados empíricos procurando aprofundar o discernimento e problematização da temática segundo alguns relatos das mulheres e homens sobre o papel da mulher na formação dos seus filhos. Com a pesquisa de campo conclui-se que a percepção das mulheres cabo-verdianas sobre a sua agência na educação dos filhos: o caso de São Lourenço dos Órgãos entre 2009-2019, está diretamente ligada aos discursos socialmente construídos sobre elas como as principais responsáveis pela educação dos filhos.

2 DIÁLOGOS EXUZILADOS: MULHER, GÊNERO E MATERNIDADE

No presente capítulo pretendemos contextualizar essas categorias por meio de abordagens teóricas-práticas e problematizar a conceitualização das categorias gênero, mulher e maternidade, baseado nas ideias que alguns autores africanos defendem, uma vez que para abordar ou entender essas epistemologias, sobretudo no que diz respeito relativamente a questão de gênero, se faz necessário compreender o conceito de ser mulher e a maternidade na sociedade africana.

Portanto, ao longo deste capítulo trabalharemos com autores africanos como: o historiador e antropólogo senegalês Cheikh Anta Diop (1959), antropóloga e poeta nigeriana Ifi Amadiume (1997), professora de gênero e literatura oral africana Sotuna Mobolande Ebunoluwa (2009) e a pesquisadora nigeriana Oyeronke Oyewumi (2004), que nas suas pesquisas referem a concepção dessas categorias partindo da realidade africana, contudo, cada um deles da sua perspectiva. Ou seja, para problematizar e conceituar as categorias gênero, mulher e maternidade partiremos da concepção de alguns autores africanos que vêm debruçando sobre essas temáticas, e também que têm como foco da sua pesquisa a realidade de alguma sociedade africana no intuito de consumir as suas hipóteses ou pesquisas.

2.1 MATRIARCADO E AGÊNCIA DAS MULHERES AFRICANAS A PARTIR DA PERSPECTIVA DO LUGAR

Tratando-se do continente africano, atualmente alguns autores e estudiosos vêm trazendo algumas discussões e reflexões sobre a concepção da mulher relacionada a maternidade, e as posições ou lugares que as mulheres ocupam a fim de romper com a lógica da mulher no lar, pois essa ideia é produzida pelo ocidente e é uma narrativa diferente da concepção que se tem em África, dado que na concepção africana o que determina o trabalho ou qual membro da família irá exercer esse papel é a idade dos membros familiares, já no período colonial ou nas sociedades onde os impactos do mesmo ainda reverbera, baseiam-se no gênero.

Assim, com base na perspectiva dos intelectuais africanos, identificar as oportunidades que a sociedade africana, principalmente a sociedade cabo-verdiana, oferece tanto para os homens como para as mulheres, pois no que concerne às oportunidades de emprego na nossa sociedade há certas demarcações de lugares, onde as mulheres e os homens eventualmente devem exercer as suas funções. A partir disso, entender que hoje se tornou necessário

compreender os argumentos utilizados por (Diop, 1959) e outras autoras africanas sobre o matriarcado e refletir o conceito do mesmo, para com base nisso pensar outras configurações que sejam capazes de possibilitar as mesmas condições e oportunidades para ambos.

No que refere ao matriarcado, há estudos dentro do continente africano como do Cheikh Anta Diop, Ifi Amadiume, Sotuna Mobolande Egunoluwa, da pesquisadora, Oyeronke Oyewumi, entre outros estudos na diáspora, nos quais afirmam que em algumas sociedades africanas as mulheres ocupam lugares de prestígios, ou seja, ocupam lugares de lideranças, o que torna essas sociedades matriarcadas e segundo os mesmos para abordar a questão do matriarcado se faz necessário estudar a posição que as mulheres ocupam nessas sociedades. Diante disso, (Diop, 1959), assegura que:

Nas sociedades meridionais, tudo que concerne a mãe é sagrado, a sua autoridade e, por assim dizer, ilimitada. Esta pode escolher um cônjuge para seu filho sem consultar antecipadamente o interessado, este costume ligado a vida agrícola existe também nos iroqueses (DIOP, 1959, p. 35).

Por conseguinte, alguns intelectuais africanos vêm debruçando sobre a temática, objetivando as desconstruções das ideologias construídas durante o processo colonial no continente, auxiliar na elaboração de novas narrativas e desenvolver outros conceitos que não estejam alicerçados no viés da perspectiva europeia. Perspectiva esta, que nas sociedades africanas restringe o papel da mulher a uma simples dona do lar, ou uma narrativa que não salienta a participação das mulheres africanas em esferas públicas.

A pesquisadora e historiadora brasileira, (Camille Johann Scholl, 2016), na sua monografia, o “Matriarcado e África: A produção de um discurso por intelectuais africanos- Cheikh Anta Diop e Ifi Amadiume”, robustece a ideia do matriarcado em África antes do processo de colonização, enfatizando a contribuição que as mulheres deram para algumas sociedades africanas e a importância das mesmas nessas sociedades.

[...] para o estranhamento, surpresa, condenação e julgamento dos administradores-etnólogos portugueses que registraram estas informações naquele período, com a devida crítica das fontes na leitura das mesmas, foi possível observar que nas sociedades bijagós as mulheres escolhiam seus parceiros, construía as casas onde levavam os consortes, decidiam pela separação/divórcio, realizavam a transmissão da linhagem por via materna (matrilinearidade) e possuíam influência nas decisões políticas das localidades (CAMILLE. 2016, p.7).

Na citação da autora percebe-se claramente que após a chegada dos colonizadores no território e observação das relações existentes nessas sociedades, transpuseram o conceito do

matriarcado evidenciado no ocidente e alicerçado nos padrões transformistas sociais, que não condiz com as demandas e necessidades africanas.

Portanto, o termo ou palavra gênero trata-se de uma categoria ocidental, que está intimamente relacionado ao movimento das mulheres ocidentais, isto é, o conceito gênero nasce para explicar ou suprir as necessidades das mulheres ocidentais. Desse modo, o mesmo termo não deve ser utilizado da mesma forma no continente africano devido às prioridades das mulheres africanas, e ainda porque para designar quem possui poder em algumas sociedades africanas, não parte da caracterização do gênero “masculino” e “feminino”, mas sim, da relação de idade.

Ainda de acordo com a mesma autora, a produção do discurso de gênero em África, partiu do discurso colonial no que concerne à observação de gênero diferenciado das que já tinham constato no ocidente e os lugares que as mulheres ocupavam. Logo, a definição de matriarcado se deu dentro de um paradigma evolucionista social, o qual enfatiza a evolução das sociedades primitivas em que tinham ou inevitavelmente tinham que passar da sua fase de primitiva para uma fase mais elevada e civilizada, nesse caso, o patriarcado.

“A produção deste discurso faz parte da justificativa colonial forjada tendo como bengala a antropologia que visava a intensificação do processo civilizador das sociedades tida como atrasadas, bárbaras e matriarcais” (SCHOLL, 2016, p. 9).

Contudo, é importante frisar que a palavra matriarcado ou a concepção do matriarcado, surgiu no continente africano no decorrer do século XIX, no momento em que os antropólogos coloniais começaram a prestar mais atenção em algumas práticas que a mulher desenvolvia na sociedade, aí segundo as suas leituras acreditaram viverem perante um sistema chamado matriarcado. Pois, de acordo com a Camille School (2016):

Labutam com o conceito de matriarcado como um sistema político ao qual as mulheres dominavam e possuíam autoridade política. Nesta perspectiva, o matriarcado era visto como a forma primordial de organização social de grupos humanos, isto é, este sistema era o estágio mais primitivo da sociedade. Portanto, o matriarcado é um conceito que nasce no século XIX como uma construção teórica e um modelo explicativo dentro de um paradigma evolucionista social pouco baseado em análises de casos concretos (SCHOOL, 2016, p. 36).

Posto isso, na mesma época algumas pesquisas no continente africano feitas pelos africanos impulsionaram outras pesquisas sobre a temática, visto que até o dado momento os estudos sobre o matriarcado eram feitos com base nas pesquisas/ideologias ocidentais, assentando e reforçando a ideia da mulher africana como submissa, uma vez que antes da

chegada dos colonizadores nas sociedades africanas já havia mulheres ocupando lugares de decisões e determinando tarefas dentro do lar.

Assim, (Tarikuh Farrar (1997), citado pela SCHOOL, Camille, (2016), fomenta:

[...] um estudo a respeito de uma instituição política africana que segundo ele é presente desde o período antigo que é a "rainha-mãe". O autor aborda estudos etnológicos de diferentes antropólogos para refletir sobre a posição política da mulher e suas variações em diferentes sociedades africanas, concentrando-se na região da África Ocidental. Ele mostra que as mulheres possuíam títulos políticos nos altos escalões dos sistemas políticos antigos e que em muitos espaços este poder sobrevive ao longo do período colonial. (FARRAR, 1997 apud SCHOOL, 2016, p.8)

Na mesma ótica, (Bunseki Fu Ki. Au e A.M. Lukondo-Wamba (2017), realçam que a mulher africana sempre esteve envolvida em quase todas as atividades da vida, do social, econômico ao militar. No período pré-colonial batalhava como seu companheiro, como um bom chefe no exército, exemplificando o caso de Nzing'a Matâmba e Vita-Kimpa no antigo Reino do Kongo e como chefes do exército comandaram a guerra anticolonial.

Ainda na mesma perspectiva, a autora e socióloga cabo-verdiana, Eurídice Monteiro, no seu livro denominado “Mulheres, democracia e desafios pós-coloniais - uma análise da participação política das mulheres em Cabo Verde” (2009), enfatiza que embora teve uma certa resistência no revolucionário, mas mesmo assim algumas mulheres conseguiram desempenhar papel importante e de destaque na sociedade cabo-verdiana.

No entanto, no caso específico das mulheres cabo-verdianas, além da sua conjuntura perante a sociedade na condição de ser mulher, esposa e mãe, com os seus afazeres já designados à base dessas “categorias”, algumas exercem também outras funções de excelência nos lugares de destaque, tais como (na educação, comunicação, política, exército, empreendedorismo, e entre outras esferas).

Com relação à caracterização dos afazeres em algumas sociedades africanas, vale salientar que nessas sociedades a classificação dos afazeres dentro de casa se dá com base na idade de cada membro, isto é, o elemento que determina a divisão das tarefas de casa em uma dada família é a idade (os mais velhos estão determinados a realizar tal atividade e os mais novos, aquela), todavia, o que prevalece ou determina a ocupação das mulheres em certos espaços ou âmbitos sociais em Cabo Verde é o sistema cultural europeu, o qual determina que o lugar da mulher é em casa e o do homem é operando fora do lar.

De tal modo, (Oyeronke Oyewumi (1997) apud Camille (2016), descreve que:

[...] a linguagem Yoruba não é classificada de acordo com gênero e categorias masculinas são de difícil tradução linguística uma vez que não há associação direta destas categorias com o masculino-feminino anatômico tais quais os referenciais ocidentais. O princípio fundamental da organização deste grupo são as categorias de idade (OYEWUMI (1997) apud SCHOOL (2016), p.9).

A mesma autora, na sua obra “Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas” (2004), ressalta a idade como o principal fator determinante para a divisão das tarefas dentro do seio familiar nas sociedades africanas.

A família Iorubá tradicional pode ser descrita como uma família não-generificada. É não-generificada porque papéis de parentesco e categorias não são diferenciados por gênero. Então, significativamente, os centros de poder dentro da família são difusos e não são especificados pelo gênero. Porque o princípio organizador fundamental no seio da família é antiguidade baseada na idade relativa, e não de gênero, as categorias de parentesco codificam antiguidade, e não gênero (OYEWUMI, 2004, p.6).

Mas, contudo, no que concerne o sistema cultural e social em Cabo Verde o que caracteriza a classificação das tarefas e a hierarquia social é a caracterização do gênero masculino e feminino, dado as sequelas do período colonial no arquipélago, ou seja, o acesso masculino rege a maior parte das instituições cabo-verdianas. Em outras palavras, a caracterização na divisão das tarefas pela idade se dá dentro do âmbito familiar, contudo quando se trata do âmbito social ou esfera pública, essa caracterização se dá baseado no gênero.

Na família, mesmo que o membro mais velho seja do sexo masculino, tem obrigação de fazer as tarefas de casa devido a sua idade, e visto que os outros mais novos, não estão na idade de realizar aquela dada tarefa. Ou melhor, no seio familiar em algumas sociedades africanas a base principal para a organização dessas tarefas é o fator idade.

Para tal, de acordo com (Oyeronke Oyewumi, 2004), em muitas culturas a maternidade é vista ou definida como uma relação de descendência ou como uma relação sexual com um homem e a literatura feminista, tem a maternidade em muitas outras sociedades com a identidade dominante das mulheres, limitado a ser esposa.

Porque mulher é um sinônimo de esposa, a procriação e a lactação na literatura de gênero (tradicional e feminista) são geralmente apresentadas como parte da divisão sexual do trabalho. A formação de casais pelo casamento está assim constituída como a base da divisão social do trabalho (OYEWUMI, 2004, p. 5).

Com base na ideia de maternidade no continente africano, podemos afirmar que a maternidade não significa necessariamente uma mulher dar luz ou estar-se relacionando com

um homem, pois muitas mulheres vivenciam essa realidade ou o momento da maternidade em auxiliar outras mulheres na educação dos seus filhos, ação que é muito recorrente nas nossas sociedades.

Diante disso, (Bunseki Fu Ki. Au e A.M. Lukondo-Wamba, 2014), no artigo intitulado “Kindezi: a arte kongo de cuidar de crianças. K. Kia”, explica que a tarefa de cuidar e a mais importante responsabilidade da civilização africana e que na cultura europeia cuidar de crianças é visto como uma atividade insignificante ou trabalho para pessoa menos importante da sociedade, para tanto as mulheres africanas foram importadas para cuidar das crianças euro-americanas como forma de demonstrar as suas supostas inferioridades raciais.

Os mesmos autores acrescentam ainda que a infância é desvalorizada na sociedade europeia, enquanto que a civilização africana é centrada na criança e o bem-estar da comunidade depende da saúde e inclusão da totalidade, do amadurecimento das pessoas que lhe constituem como membros.

Cuidar de crianças Ieia, ou seja, dar cuidados especiais é, antes de tudo, uma forma de transferir padrões sociais para os membros mais jovens da comunidade. E, em segundo lugar, é a orientação da criança para a vida que compreende orientações muito bem determinadas de acordo com as normas e valores comunitários (Bunseki Fu Ki. Au et al. 2014, p.5)

Para tanto, com base nas informações citadas acima pode-se dizer que a sociedade africana preza muito para a socialização dos filhos/crianças, uma vez que a sociedade e a família acreditam que a transformação dali depende da pessoa a qual essa criança será futuramente, dessa feita colaboram para que haja união e apoio de todos na formação daqueles(as) filhos/crianças.

No discurso de (Bachofen), citado por (Diop,1959), a onipresença do matriarcado é inegável, este não representa a marca ou característica de um ou outro povo, contudo nega a um dado momento a organização social de todos os povos da terra, daí os inúmeros vestígios extraídos da literatura clássica da antiguidade. Ainda, conforme Diop, na mesma linha de pensamento houve uma passagem globalizada do matriarcado para o patriarcado, e, para o mesmo sustenta se incontestavelmente de uma passagem de um estágio inferior para um estágio superior, de um efetivo avanço espiritual da humanidade compreendida no seu todo.

Por conseguinte, o pesquisador senegalês Diop, chama atenção perante a afirmação da passagem do sistema matriarcado para o patriarcado em África, uma vez que, a afirmação do Bachofen, só faria sentido cientificamente caso se provasse no seio de um determinado povo, que está em evolução interna e se tivesse de fato efetuado e deste modo, o autor não apresentou

uma época histórica em que os gregos e os romanos tivessem conhecido o matriarcado. Junto a isso, (Camille School, 2016), define matriarcado sendo:

O conceito de matriarcado é projetado sobre as interpretações de alguns dos sistemas políticos africanos ao longo do século XX nas análises dos antropólogos coloniais. Estes observaram algumas situações às quais a posição que a mulher ocupa na sociedade era proeminente e logo classificaram a partir das lentes teóricas que possuíam, vendo um sistema denominado de matriarcado (SCHOOL, 2016, p.3).

Para antropóloga (Ife Amadiume, 1997), o matriarcado é um elemento ou categoria que reforça o poder da mulher, isto é, enfatiza que a mulher, ela é tanto biologicamente provedora do lar como no seu sustento, uma vez que, a mulher que divide e comanda a produção dos alimentos dentro de casa, tarefa considerada muito importante na sociedade africana.

Mkpuke é gerado pelas mulheres do grupo e tem seu poder expresso na unidade familiar a mulher é a provedora da família, tanto biologicamente quanto no seu sustento, pois é a mulher quem decide e operacionaliza a produção de alimentos e sua distribuição. Estas funções e posições sociais são de fundamental importância dentro destas comunidades africanas e a mulher assume papel proeminente (AMADIUME 1997 apud SCHOOL 2016, p. 16).

Nessa lógica, a autora realça o papel da mulher na esfera pública e também o lado mais afetivo de se considerar matriarca de todos que se disponibilizarem estar próximo, isto é, a autora também salienta a prática de “maternidade compartilhada”, que é uma prática vigorante nas sociedades africanas, e comunidade africanas na diáspora, em que a educação do filho não é apenas responsabilidade da mãe biológica, mas também da comunidade, dado o cuidado e a criação compartilhada.

Como exemplo, podemos trazer o caso das crianças nascidas aqui na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- (UNILAB), em que muitas das vezes passam mais tempos nas mãos da comunidade (amigos, primos, irmãos, conhecidos, entre outros...), do que da mãe biológica, devido as demandas da mesma.

Práticas essas que não acontecem nas sociedades ocidentais, as quais na sua maioria é composta por família nuclear. E, retornando à maternidade compartilhada, recordei-me de umas das minhas conversas com a dona na casa onde resido aqui no Brasil, sobre a sua pretensão em retornar os estudos, porém não retoma devido ao cuidado com a filha, pois não tem onde lhe deixar no período da noite, ou seja, mesmo almejando regressará os estudos não tem como devido à concepção e experiências que a mesma tem relativamente ao ser mãe e os cuidados com os filhos.

Devido o ensinamento que a mesma teve ou a sua percepção sobre o cuidado com a filha e a sua presença na socialização na mesma, ela “acha” irrelevante no momento apostar no seu estudo ou se formar para depois precisar trabalhar fora. Em contrapartida, e as coisas nas quais pude constatar, em sua casa no período da noite se encontram outras pessoas na qualidade do pai dela, sobrinho e o próprio marido, mas a mesma não possui confiança para deixar a filha sobre os cuidados dos mesmos e retornara os estudos, onde posteriormente terá necessidade de trabalhar em outro âmbito social.

No entanto, a socióloga cabo-verdiana, Eurídice Monteiro (2009), explica nas suas próprias palavras que:

[...] a fraca efectividade de medidas como simples consagração na lei da igualdade de direitos e de oportunidades entre os homens e a mulheres, nomeadamente e no campo político, tem sido demonstrado a nível mundial. Como se torna cada vez mais evidente, a relação entre as práticas legais e as práticas reais não é automática, daí que, se tenha intensidade o debate sobre a igualmente de resultados (MONTEIRO, 2009, p. 61).

De outro modo, ainda muitas mulheres não só as africanas, se baseiam nos discursos ocidentais para compreenderem seu lugar na sociedade contemporânea. Sem consciência da origem desses discursos e sobe qual perspectiva emergiu, visto que para entender o lugar e posicionamento das mulheres em uma determinada sociedade, basearam no modelo ou estrutura da família nuclear. Um modelo familiar restrito em África ou na atualidade, dado outras configurações familiares as quais estão surgindo e ganhando espaço na contemporaneidade

2.2 PENSANDO O PROBLEMA DE GÊNERO

Abordar a questão da categoria gênero requer pensar o contexto social e, em seguida, montar estratégias para compreender o conceito da categoria mulher na mesma sociedade. Tendo em conta que a representação de gênero no ocidente não dialoga com a caracterização do gênero no continente africano devido às demandas e realidade do mesmo.

Para a brasileira historiadora feminista e pesquisadora dos estudos de gênero, Vânia Nara Pereira Vasconcelos:

Entre os séculos XVI e XVII ocorre uma mudança muito influenciada pelo pensamento cartesiano quanto a razão feminina, além disso o liberalismo também advoga ainda que teoricamente o homem e a mulher deveriam ter igualdade de direito. Para eles, a mulher não pode mais ser considerada inferior ao homem, ela deve ser complementar a este, ou seja, o fato deles serem biologicamente diferentes não os fazem ter funções sociais também diferenciadas (VASCONCELOS, 2005, p. 8).

Pois, segundo o artigo da pesquisadora (Oyeronke Oyewumi, 2004), traduzido por Juliana Araújo Lopes, um dos efeitos do eurocentrismo é a radicalização do conhecimento, uma vez que ela representa a Europa como fonte de conhecimento, e os europeus como conhecedores.

Na modernidade mesmo com as várias inovações e ressignificações, fruto de várias discussões e questões relacionadas às questões políticas, sociais e culturais, ainda assim a questão do gênero continua perpassando a mesma ideologia devido a realidade e o contexto que surgiram, pois as narrativas de gênero nasceram no ocidente, utilizadas para classificar a organização social com base nos órgãos reprodutor sexual. O seu discurso está atrelado aos movimentos de mulheres, feministas, lésbicas e gays, porém, a sua relação está alicerçada no poder que o gênero masculino tem sobre o feminino em cada sociedade.

Assim, (Camille School) refere que:

A categoria gênero é corrente nos trabalhos de análise histórica recentes. Joana Maria Pedro (2005) faz uma reflexão a respeito deste conceito que possui uma historicidade própria e nasce no ocidente atrelado aos movimentos de mulheres, feministas, gays e lésbicas, aparecendo com mais força nas análises sociais nos anos 80-90. Uma das autoras que deu força para disseminação do uso desta categoria foi Joan Scott, que publica um artigo nos Estados Unidos em 1988 que define que o gênero é a organização social da diferença sexual e sobretudo uma relação primordial de poder (SCHOOL, 2016, pág. 10).

Para (DIOP, 1959), o contexto global para a produção de conhecimento deve ser levado em conta, a busca para compreender as realidades africanas e de fato a especificidade de cada sociedade. Com finalidade de compreender a diferença ou a classificação de categoria gênero e mulher, precisamos analisar e compreender onde ambas surgiram e quais as suas referências. A propósito, (Oyeronke Oyewumi, 2004) diz que:

[...] É uma forma especificamente europeia Um dos efeitos desse euro centrismo é a radicalização do conhecimento: a Europa é representada como fonte de conhecimento, e os europeus, como conhecedores. Na verdade, o privilégio de gênero masculino como uma parte essencial do *ethos* europeu está consagrado na cultura da modernidade (OYEWUMI, 2004, p.1).

Com base na citação explicitada, podemos fomentar o significado de gênero e mulher no continente africano, baseando nas realidades africanas, nos questionando a possibilidade de considerar o mesmo conceito empregado na realidade europeia, em realidade africana, ou seja, nos interrogar se a realidade europeia assemelha à realidade africana. Tendo em mente, as

experiências, os acontecimentos e, sobretudo as rupturas no continente, para em seguida reproduzir e tomá-lo como a universal.

Onde muitas das vezes para conceitualizar a categoria gênero e mulher, as feministas euro-americanas baseiam no sistema de família nuclear e como havia dito acima o mesmo diverge da realidade africana. Esse modelo de família, determina a mulher como submissa ou aquela cuja principal função é tutelar e zelar pela educação dos seus filhos e o lar, e qualifica o homem como o provedor e a autoridade máxima da casa.

Diante da circunstância, a mesma autora afirma que a categoria gênero é socialmente construída e a categoria mulher não é universal. Pois cada sociedade passa por uma forma diferente de opressão, o que influencia diretamente na construção social dessas categorias.

“Muitos estudiosos têm criticado o gênero como um conceito universal e têm mostrado a medida em que ele é particular a políticas de mulheres anglófonas/americanas e brancas, especialmente nos Estados Unidos” (Idem, 2004, p. 3).

Ainda a referida autora realça que as categorias de gênero ocidentais são apresentadas como inerentes à natureza (dos corpos), e operam numa dualidade dicotômica, binariamente oposta entre masculino/feminino, homem/mulher, em que o macho é presumido como superior e, portanto, categoria definidora, é particularmente alienígena a muitas culturas africanas.

Na concepção ocidental, a categoria gênero está diretamente atrelado à natureza dos corpos, ou seja, com base a sua natureza, a sociedade define a posição social que ocupa e, concepção esta que tem influenciado e tida como modelo nas muitas sociedades africanas.

No entanto, algumas feministas africanas, depois de algum tempo pesquisando e estudando fora decidiram dar suas contribuições e colocar em práticas os conhecimentos adquiridos voltados para as suas realidades, escrevendo sobre, baseando nas suas experiências vivenciadas e contrapor que a caracterização de gênero nem sempre está relacionando ao órgão genital masculino ou feminino, e muito menos o discurso de que o órgão genital obtém poder para classificar a posição que podem ser ocupada na esfera pública, ou que a superioridade humana assenta no gênero.

As feministas, como um destes grupos, têm usado seu poder recém-adquirido nas sociedades ocidentais para transformar o que antes eram vistos como os problemas particulares das mulheres em questões públicas. Eles mostraram como problemas pessoais das mulheres na esfera privada são de fato questões públicas constituídas pela desigualdade de gênero da estrutura social. Está claro que as experiências das mulheres euro-americanas e o desejo por transformação forneceram as bases para as perguntas, conceitos, teorias e preocupações que produziram a pesquisa de gênero (OYEWUMI, 2004, p. 2).

Todavia, a categoria gênero utilizada pelas feministas euro americanas acontece com intuito de demonstrar a forma como acontece a subordinação e opressão das mulheres de maneira universal e utilizam as duas categorias (mulher e gênero) como sinônimas.

Ainda para referida autora a categoria gênero é antes de tudo uma construção sociocultural, isto é, a categoria gênero foi construída socialmente pelas feministas euro-americanas na intenção de mostrar a desigualdade social ocorrida nos últimos V séculos, na Europa e nos Estados Unidos. Contudo, por outro lado, a autora levanta algumas questões de como essas ideologias restringem as próprias mulheres de manifestarem outras formas de desigualdade sociais, como raça e as de classe, tendo em conta a sociedade a qual estão se referindo.

E estende sua análise frisando que muitos estudiosos têm criticado a categoria gênero como um conceito universal e tentam mostrar as particularidades das políticas e necessidades das mulheres.

Distinções de gênero são fundantes do estabelecimento e funcionamento deste tipo de família. Assim, o gênero é o princípio organizador fundamental da família, e as distinções de gênero são a fonte primária de hierarquia e opressão dentro da família nuclear (OYEWUMI, 2004, p.4).

As estruturas familiares que há muito tempo vêm sendo reproduzidas, fruto de heranças coloniais onde se tem papéis pré-definidos de cada sujeito que constitui uma família, e que geralmente a mulher ela é a responsável pelo lar e pela formação dos filhos, sendo o homem o provedor do lar, aquele que fora de casa busca o sustento da família. Ou seja, conceito este de gênero que classifica os papéis dos pais considerados como o chefe da família, a autoridade máxima da casa, ainda melhor dizendo, o papel tradicional que socialmente é atribuído à figura materna no sentido em que as mães são consideradas as principais responsáveis pela socialização e formação dos seus filhos.

Família nuclear é uma configuração especificamente ocidental, onde a família é composta por três a quatro membros, pai, mãe e um a dois filhos. Todavia, o modelo de família nuclear, não é um modelo universal da forma que o ocidente dita, porém, por outra lado, essa configuração está tendo influências no continente africano e em outras partes do mundo. Nas vivências euro-américa as famílias são compostas nesse modelo familiar, sem espaço para outro membro a não ser sanguíneo, e o mesma evidência/caracteriza mulher apenas como esposa e dona de casa.

À vista disso, (Oyeronke Oyewumi 2004), afirma:

Metodologicamente, a unidade de análise é o lar da família nuclear, o que, teoricamente, então, reduz mulher à esposa. Porque raça e classe não são normalmente variáveis na família, faz sentido que o feminismo branco, que está preso na família, não veja raça ou classe (OYEWUMI, 2004, p.5).

Segundo AMADIUME (1997) apud Camille (2016), a base ideológica de gênero está na oposição binária entre o sistema *mkpuke* e *obi*. O primeiro representa uma unidade matricêntrica, ao qual o foco da relação gira em torno da mulher-mãe e o segundo representa a casa ancestral focada no homem.

Ainda conforme Ifi AMADIUME citada pela Camille (2016), a noção de gênero como a organização social da diferença sexual, mostra que o sexo não está relacionado diretamente ao gênero, em alguns casos das organizações sociais africanas. No discurso da autora a categoria gênero é menos aparente do que a categoria mulher, portanto, pode-se dizer que ao utilizar o conceito de matriarcado, isto é, para Ifi Amadiume na sua obra “Re-inventing Africa: Matriarchy, Religion and Culture” (1997), a categoria gênero se aproxima muito mais de uma história social das mulheres do que uma história de gênero.

Todavia, segundo a mesma autora, o discurso de Cheikh Anta Diop, a caracterização de gênero se aproxima para uma história de grandes civilizações no seu livro intitulado a “Unidade Cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica” escrito em um contexto em que a categoria gênero não era presente nas análises sociais e que os movimentos de mulheres estavam começando a emergir e realizar uma produção acadêmica sobre isto, ou seja, o discurso de Diop, quando pensa o conceito de matriarcado relaciona-o diretamente a categoria mulher e mãe, que é relacionada ao sexo feminino, isto é, os aspectos biológicos e suas funções que são determinantes.

Deste modo, vale ressaltar a necessidade ou importância de abordar o conceito gênero no continente, levando em consideração as configurações das categorias no continente africano e também as influências ou a alienação que adequação dessas categorias ocidentais causam na África, enfatizando a nossa sociedade e a necessidade de um olhar específico sobre as suas especificidades e estruturação.

Todavia, também, devemos ressaltar outra categoria que abrange as categorias gênero e mulher, o feminismo, que começou na Europa e nos Estados Unidos, cresceu notadamente quando as mulheres euro americanas começaram a ganhar consciência da opressão, que estavam passando e resolveram adotar medidas para minimizá-lo e combatê-lo.

Nessa lógica, Sotunsa Mobolanle Ebunoluwa, na sua obra “Feminism: The Quest for an African Variant” (2009), fomenta que:

[...] a partir das definições anteriores, qualquer significado de feminismo, para diferentes pessoas, gira em torno, principalmente, da experiência feminina. O feminismo está preocupado com as mulheres, não apenas como uma categoria biológica, mas também como categoria social, e, portanto, as feministas compartilham da opinião de que a opressão das mulheres está ligada à sua sexualidade. Isto se dá pelo fato de que as diferenças biológicas entre mulheres e homens se refletem na organização da sociedade. E, com base nessas diferenças, as mulheres são tratadas como inferiores aos homens (EBUNOLUWA, 2009, p.2).

Partindo da ideia de (Ebunoluwa, 2009), as feministas buscam eliminar as pontes de desigualdades e oportunidades sociais para as mulheres e contrariar a ideia de a mulher ser submissa ou inferior ao homem. Mas se limita relacionando muitas das vezes o feminismo com a discussão de gênero, uma vez que não atenta às outras demandas sociais e, muito menos as particularidades de cada sociedade.

Segundo a referida autora, embora o feminismo tenha afirmado seu objetivo na emancipação de todas as mulheres da opressão sexista, falhou em considerar as peculiaridades das mulheres negras e dos homens negros. Na prática, o feminismo se concentrou nas necessidades das mulheres brancas de classe média da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, fazendo passar por um movimento de emancipação da mulher globalmente. Do mesmo modo, (Sotunsa Ebunoluwa, 2009) afirma que:

Em contraste com minha opinião de que as mulheres na África priorizavam as questões econômicas juntamente com as questões sexistas para construir uma teoria autóctone desde a pobreza e as duras condições econômicas que afetam, de maneira significativa, suas experiências (COLLINS 1990 apud EBUNOLUWA 2009, p.2)

Com relação a isso, a autora afirma haver necessidade de procurar construir teoria ou conceitos que abarcam a realidade africana, discursos de gênero compatíveis com as experiências vividas e baseados nas suas particularidades e não baseados no feminismo que é uma vertente originária do ocidente. Fazendo contextualização do feminismo, (EBUNOLUWA, 2009), realça que alguns estudos contemporâneos revelam que o feminismo fracassou com a sua proposta devido a sua ambição em atender às necessidades das mulheres de todo o mundo sem levar em consideração a particularidade de cada sociedade.

2.3 O MULHERISMO AFRICANA E AGÊNCIA DAS MULHERES AFRICANAS NO CONTINENTE E NA DIÁSPORA

Baseado em algumas lacunas do feminismo, entre elas as especificidades das mulheres negras e africanas, algumas mulheres afro-americanas desenvolveram o conceito Mulherismo, com intuito de satisfazer as necessidades da mulher negra, ou seja, desenvolveram esse conceito na intenção de pensar a realidade das mulheres negras e as demandas dessas mulheres, o que implica dizer que apesar de algumas mulheres africanas simpatizarem com o conceito ou a demanda que o mulherismo visa, contudo, ela não conseguiu atender todos os pleitos das mulheres africanas devido as questões políticas e socioculturais existentes nas sociedades africanas e as suas diferenças.

Muitas feministas reivindicam o espaço das mulheres baseando-se nas narrativas e realidades ocidentais, apoiado na questão biológica da mulher e não na questão social, que seria uma das demandas da mulher africana, pois diante dessas controvérsias o conceito do feminismo não atenderia às especificidades das mulheres negras e homens negros.

Diante da necessidade de uma categoria que pensasse e atendesse as demandas das mulheres africanas, a autora afro-americana Clenora Weems, no ano de 1987, emergiu as pesquisas e o termo “Mulherismo africano”, a fim de inserir uma variante na luta das mulheres africanas, que estaria atrelada a cultura africana, as suas experiências e necessidades, tanto no continente como na diáspora.

O mulherismo africano, tem como foco as demandas e iniquidades das mulheres africanas, emparelhado na questão da raça, pois essa narrativa visa trabalhar com a realidade e ideologia específica das mulheres em África e afro-diaspóricas, uma vez que tem como base os valores e conhecimentos africanos. Valores em África que preserva o papel das mães africanas como chefes na luta e realça a importância de manter diálogo com os homens africanos, em vez do confronto, tendo em conta a opressão que os mesmos enfrentam no quesito racial.

Embora o mulherismo ser e está sendo importante para as mulheres negras dos Estados Unidos, ela e não defere muito do feminismo quando se trata da abordagem em relação à realidade das mulheres africanas, pois, ainda assim não conseguiu pensar ou entender as particularidades das mulheres na África, isto é, não pensa numa teoria que esteja enraizada no cotidiano africano e muito menos baseia em suas especificidades ou prioridades.

Portanto, “é uma necessidade para escritoras africanas desenvolver e/ou sintetizar uma teoria autóctone africana com o fim de situar corretamente e localizar as peculiaridades de sua experiência no discurso de gênero” (EBUNOLUWA, 2006).

Sendo assim, segundo a mesma autora, para haver uma teoria autóctone africana sobre gênero deve incluir uma abordagem dialógica, uma apreciação saudável das culturas africanas, o reconhecimento da heterogeneidade destas estratégias realistas e robustas, despidas de brutalidade supérflua, da centralidade da família, do matrimónio e da maternidade como experiências positivas para as africanas.

A discussão em torno de gênero surgiu em alguns trabalhos e pesquisas recentes. A historiadora brasileira e pesquisadora em gênero (Joana Maria Pedro, 2005) citada pela autora (Camille, 2016), faz reflexão a respeito deste conceito, que possui uma historicidade própria e nascido no ocidente atrelado aos movimentos de mulheres, feministas, gays e lésbicas, aparecendo com maior ênfase nas análises sociais nos anos 80-90.

E segundo a autora citada, a categoria gênero é definido pela organização social, embasado na diferença sexual e as relações de gênero se referem às relações de poder travadas entre o que define ser o masculino e o feminino em cada sociedade.

2.4 O PAPEL DAS MULHERES NA SOCIALIZAÇÃO DOS FILHOS

O presente subcapítulo vai buscar através de abordagens teóricas-práticas visibilizar o papel das mulheres na formação dos seus filhos, partindo do ponto de vista das demandas sociais colocadas a elas, e que faz com que as mesmas se sintam como as principais responsáveis pela socialização dos seus filhos. Entendendo, que a mulher, ela tem sido de longe a figura central no processo de socialização e educação dos seus filhos, isso implica dizer que, ela através da socialização social que tem sido geralmente aquela que é construída no seio familiar e o fato de normalmente ela sentir responsável por passar muito mais tempo com os filhos.

Assim, (Diop, 1959), evidencia que:

Toda sociedade África negra está convicta da ideia segundo a qual o destino da criança depende unicamente da mãe e, em particular, do labor eu está concretiza no lar conjugal. Também, não é raro ver uma mulher suportar voluntariamente injustiças por parte do seu marido. Com a convicção de que ali resulta o maior benefício para as crianças por este se deve entender que estes terão todas as facilidades para ter sucesso em quaisquer que sejam os seus empreendimentos, que serão poupados pela má sorte, e pelas desgraças de qualquer espécie, que estes representarão e não um fracasso social (DIOP, 1959, p.).

Aqui vai-se abordar a importância da mulher na formação dos filhos não como uma exclusividade delas, mas como uma obrigação de todos, ou seja, a construção desse processo

que é um processo que nunca se finda, ela demanda os esforços tanto dos homens e das mulheres, pois essa mesma educação que vai se dar aos filhos, ela terá um impacto direto no futuro destes, daí entendo que é um processo que não tem um celo de exclusividade (só depende da mulher ou do homem).

Em que muitas das vezes acontece a transferência de responsabilidades em algumas situações por parte dos pais para com as mães na socialização dos filhos, e isso tem gerado uma série de conflitos ou inquietações.

Assim sendo, (Eurídice Monteiro, 2009), realça que: “tem havido alguma vontade masculina em ajudar nos trabalhos domésticos, mas estes continuam a ser obrigação feminina. Continua a existir uma nítida separação entre os trabalhos que são para as mulheres e os que devem estar a cargo do homem” (MONTEIRO, 2009, p. 101).

Sobretudo nas situações em que percebemos a existência de uma clara demonstração de herança histórica do colonialismo, com relação à sociedade cabo-verdiana, é o que tem sido bastante caracterizada, e nas outras sociedades africanas, como não só, onde se atribui a mulher o papel da formação dos filhos, bem como cuidar do lar.

Episódio este o qual presenciei várias vezes dentro da minha família, visto que minha avó sempre exteriorizava para os meus irmãos que enquanto tiver mulher em casa não tinham que cozinhar e muito menos lavar suas roupas. Respetivo a percepção a qual tem, e transmitida para os meus irmãos e primos em casa, os homens da família não se identificava com os trabalhos domésticos. Em contrapartida, quando se tratava de trabalho de campo ou cuidar dos animais, não tinha distinção de gênero, ambos auxiliavam e muitas das vezes nós mulheres cuidávamos de campo e dos animais mais de que os meninos, pois, passavam mais tempo fora de casa, em um quadra desportiva próxima da nossa casa do que em casa.

E nos dias que casualmente recusássemos fazer algum trabalho de casa, e haver necessidade de os fazê-lo, faziam como ajuda, ou visto que não tinha outra alternativa no entanto, estes continuavam sendo nosso dever e obrigação, pois, era nítido a separação dos trabalhos em casa, designado para nós mulheres e os para meus irmãos.

Lembro do período de ensino médio que aos domingos, tínhamos muitos afazeres de casa, visto que era o único dia que estava todo mundo em casa e todo o período de manhã íamos para igreja, ao voltar tratava-se do cabelo para semana toda de aulas, fazer atividades pendentes e muitas das vezes estudar para alguma prova do meio da semana, por vezes fazer almoço, lavar “uniforme”³ e outras roupas, enquanto isso, dia de domingo para meus irmão é dia de lazer e

³ Nome atribuído em Cabo Verde para as fardas escolares.

entretenimento. Caso recusássemos lavar as roupas deles, apanhávamos da avó, a qual enfatizava ser vergonha nossos irmãos lavando, tendo meninas em casa

Avó essa que segundo as histórias e experiências dela, a vida não foi fácil, pois perdeu os pais cedo, com isso teve que cuidar dos seus irmãos e irmãs mais novos, se casou cedo e ficou viúva quando a minha tia mais nova tinha 7 (sete) anos de idade. Ou seja, a mesma engendrou as 5 (cinco) filhas “sozinha” na medida que podia principalmente numa sociedade onde não oferece muitas oportunidades para as mulheres, sobretudo para as mulheres que nunca frequentavam uma escola. Das cinco (5) filhas, nenhuma conseguiu concluir o ensino primário e todas tem como profissão atividades ligadas ao setor primário da agricultura e comércio.

Nascidos e criados num ambiente onde não podiam fazer atividades domésticas, dado as cinco (5) meninas em casa para fazer, meus irmãos só aprenderam a fazer trabalhos domésticos depois de adultos que saíram de casa da nossa mãe, devido aos estudos e trabalhos, pois antes a nossa avó não os deixavam, aliás, os mesmos já não desempenhavam, apenas aproveitavam da proteção da avó para tal.

No entanto, isso nos remete a refletir sobre as estruturas familiares que há muito tempo vem sendo herdadas e reproduzidas, onde se tem papéis pré-definidos de cada sujeito que compõe um grupo familiar, onde os filhos e netos criam e escutam essas reproduções no que concerne às atividades desenvolvidas pelas mulheres.

Destacando a sociedade brasileira, (Fabiana, 2010), declara que historicamente a família tem estado por trás do sucesso escolar e tem sido culpada pelo fracasso escolar. No âmbito das escolas tanto particulares assim como as públicas é a mãe que acompanha assiduamente o aprendizado e o rendimento escolar dos filhos, quem organiza seus horários de estudo, verifica diariamente o dever de casa.

Considerando que na atualidade mesmo que o papel das mulheres fora do lar esteja reconhecido consideravelmente, nota-se uma ligeira disparidade quantitativa no que tange à representação feminina nos cargos políticos em Cabo Verde e na tomada de decisão, isso se deve suponho a essa herança, que persiste em subalternizar o papel e a importância da mulher.

(MONTEIRO, 2009) fundamenta que:

Nos dois maiores partidos político cabo-verdianos (PAICV e MpD), a presença de mulheres tem sido fraca, sobretudo nos órgãos nacionais, os quadros de 19 e 20, a título ilustrativo, evidenciam essa sub-representação feminina nos órgãos do PAICV e do MpD (MONTEIRO, 2009. p. 140).

A mesma salienta a dificuldade ao acesso a emprego e ao mercado de trabalho por baixo nível de instrução e escolarização e ou da inadequação da formação às necessidades do mercado. E a taxa de analfabetismo entre as mulheres, particularmente entre as mulheres do mundo rural, continua sendo elevada e a maioria das famílias são chefiadas pelas mulheres e as mesmas desenvolvem atividades relacionadas à agricultura, pesca e ao comércio.

Segundo a fala de uma das entrevistadas na pesquisa de campo feita pela autora brasileira Fabiana (2010), para a elaboração da sua pesquisa, entende-se que a mulher ela tem sido de longe a figura central no processo de socialização e formação dos seus filhos. Segundo (Fabiana Da Silva, 2010, p. 206):

[...] Lúcia, ao ser perguntada sobre o papel da sua mãe nesse processo, afirma “[...] essa figura que ajudou na disciplina intelectual, essa pessoa incentiva, essa pessoa apoia, digo, ela é uma mulher fantástica” [...] ela só incentivava a gente para estudar, o incentivo era muito, muito mesmo. [...] Luciana.

De acordo com, (BALANCHO, 2004), por mais que possam ter ocorrido algumas mudanças relativas ao comprometimento dos homens, comparadamente com as mães, eles continuam em não ter um amplo envolvimento afetivo com os filhos, sobretudo no que relaciona, por exemplo, em ajudá-los nos deveres de casa. Basicamente a partir de todas essas colocações, torna essencial questionar essas estruturas tidas como “herdadas” e ou “culturais, mas também tradicionais” e compreender como elas são na realidade constituídas e mais do que isso, compreender como elas conseguem se manter até então.

No entanto, a temática desse trabalho teve origem no que diz respeito às reflexões ou visões que se tem sobre a questão de gênero em Cabo Verde, inclusive sobre os lugares em que as mulheres devem ocupar, a de serem submissas, sobre as configurações de conexões masculino/feminino alicerçada nos discursos ocidentais.

Baseando no censo de 2018, a cidade de São Lourenço dos órgãos, existe um ligeira paridade do masculino e feminino, segundo esse censo de 2018 de INE 50.2% são do sexo masculino e 49.8% são do sexo feminino⁴, todavia, ainda observa a não participação das mulheres nos lugares de destaque, mesmo muitas das vezes ou na maioria das vezes são as mesmas que sustentam a família e a casa.

Ou seja, mesmo havendo uma ligeira paridade no número da população masculina e feminina, e a mulher ocupando o espaço público, as ruas da cidade, já que boa parte delas são

⁴ Dados disponibilizados via email pelo serviço de apoio a utilizador INE (Instituição Nacional de Estatísticas), no dia 19.11.2019.

vendedoras ambulantes, o município não tem um número elevado de mulheres na esfera pública e a maioria das pessoas partem da ideia de que o lugar delas é em casa, cuidado da educação dos filhos.

No caso da minha família, pelo lado da minha mãe todos os meus primos e minhas primas foram criados pelas minhas tias e as mesmas são donas de casa, tiveram que abdicar dos seus futuros no momento ou aquele período para focar na formação dos filhos, o que com o tempo acabaram não retornando aos seus estudos.

Na atualidade as mulheres estão buscando seus espaços, querem trilhar seus caminhos, mas, por outro lado, o estado não tem medidas que assegure a estadia das mesmas na escola. Na escola onde estudei tinha vários fatores que conspiravam contra a estadia das meninas, uma delas e a gravidez, caso durante o seu percurso engravidasse e mesmo que seu parceiro estudasse na mesma escola, você seria expulsa. Também tem a questão da reprovação em dois (2) anos consecutivos no mesmo ano, onde muitas das vez devido às demandas das mulheres em casa acabavam ficando sem tempo para estudar e também a questão da idade estipulada para cada classe, caso uma menina engravidasse e perder aquele ano letivo, já no próximo ano quando voltar ficaria numa turma com os alunos que a sua idade é equivalente aquele ano, e ali começa o receio de muitas mulheres voltarem aos estudos depois de darem a luz, por causa do receio dos colegas da turma e muitas vezes até do próprio professor.

Para isso, (MONTEIRO, 2009), salienta que:

Convém ainda realçar a persistência medidas admirativas discriminatórias, sendo a medida de suspensão temporária das alunas grávidas do ensino secundário (embora podendo regressar após parto), introduzida a partir do ano letivo 2001 e 2002, uma constatação clara da discriminação feminina, apesar de ser justificada como sendo uma medida de intimidação da gravidez precoce e de para evitar reprovação e a diminuição da sua possibilidade de conclusão dos estudos devido aos critérios atuais de permanência no ensino secundário, que contempla no máximo duas reprovações (MONTEIRO, 2009 p. 102).

Dessa forma, alguns pensadores realçam que nas sociedades contemporâneas, e sobretudo as sociedades ocidentais, cada membro de uma determinada família tem geralmente papéis pré-definidos nos quais, na maioria das vezes a mulher é a responsável pelo lar e pela educação dos filhos, sendo o homem o provedor do lar, aquele que busca o alimento da família, ou seja, a conduta dos pais considerados como os “legítimos” dirigentes das famílias, aquele que possui o poder máximo do lar, é a conduta do provedor.

Como aponta (Fabiana Silva, 2010):

[...] a figura do pai, pela série de fatores que observamos ao longo da pesquisa, fica marcada na lembrança das filhas como a que participa, incentiva, mas não de forma sistemática. [...] o pai nos parece ser uma espécie de representante da resistência, [...] que significa segurança e estabilidade. [...] o papel que a ele é atribuído dentro da ordem familiar, particularmente no período estudado, como aquele que trabalha e tem por obrigação sustentar e manter a família (SILVA, 2010 p. 210).

Segundo Balancho (2004), desde o século XIX que o conceito da paternidade e masculinidade está sendo alvo de discussões e reflexões de muitos intelectuais, autores que com o passar do tempo decidiram tentar compreender o papel dos pais no seu dia-a-dia, no que se refere as relações que os mesmos têm mantido com os seus filhos no cotidiano.

O autor vai apontar também a relevância do papel que os pais têm se atribuído no dia-a-dia, mostrando que cabe também aos pais, à figura paterna o cuidado com seus filhos. Ou seja, o autor estende dessa forma as responsabilidades para ambos lados, tanto para a mulher como para o homem. Mostrando que ambos têm responsabilidades sobre os filhos e sobre sua educação, e dessa forma contesta as concepções socialmente construídas desses papéis, como anteriormente referenciamos fixos e naturalizados no que refere à educação dos filhos.

Deste modo, a contribuição das mulheres na formação e transformação da sociedade, através da educação dada aos seus filhos. Compreendendo que a educação das crianças, através das mulheres, ela não se limita somente em educar um sujeito em si só, para somente o tornar bom e honesto, mas como também para que este seja útil para sociedade, ajudando a ser uma pessoa cada vez melhor, portanto esse é de longe também, uma das habilidades que a mulher possui, e que pouco tem sido feito menção.

Como indica (Fabiana Silva, 2010):

[...] os sacrifícios que essas mães passaram, também podem ser caracterizados como uma das condições que ajudaram seus filhos a obter uma longevidade escolar. [...] a saída, nas madrugadas, para matricular os filhos, a instabilidade financeira da família, o esforço para acompanhá-los faziam parte do cotidiano dessas mães, [...]. (SILVA, 2010, p. 206).

Conhecer a professora e frequentar as reuniões escolares, com efeito, o sucesso escolar dos filhos têm dependido, em grande parte, do apoio direto e sistemático das mães que investe nos filhos, compensando tanto dificuldades individuais quanto deficiências escolares.

“[...] todos os membros da família parecem ter desempenhado a função específica e importante no projeto bem-sucedido de escolarização. Porém, a figura, que aparece de forma determinante na formação escolar desses sujeitos é a mãe” (SILVA, 2010, p. 206).

Conforme Ciomara Benincá e William Gomes (1998), em seu artigo “Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações”, a família da primeira geração, era a unidade

de trabalho e produção. Nela, a boa esposa era aquela que trabalhava arduamente com o marido para a formação do patrimônio do casal. A segunda geração acrescentava ao trabalho doméstico e ao casamento uma nova prioridade, a formação escolar. E na terceira geração já se apresenta como um leque de possibilidades, pode-se escolher entre a vida doméstica e profissional, combinar as duas, escolher entre casar ou permanecer solteira, isto é, afirma a identidade da mulher moderna.

Entretanto, mesmo com seus muitos afazeres contemporâneos a mulher continua a ser a principal responsável pela vida escolar dos filhos. Em sua pesquisa, (Fabiana Silva, 2010, p. 206), afirma:

É atribuída a ela, em todos os depoimentos dados por seus respectivos filhos, a quase completa responsabilidade pela importância e valor atribuído a educação. São histórias de mulheres fortes, de fibra, que se destacam pelo empenho e esforço realizado no dia-a-dia para a manutenção dos filhos na escola.

Segundo (Vânia Vasconcelos, 2005, p. 2):

A representação do feminino esteve, no decorrer da história, quase sempre associada as imagens dicotômicas. Frágil ou forte, vítima ou culpada, santa ou pecadora, a mulher aparece na história prioritariamente através do olhar masculino, sendo as figuras de Eva e Maria os principais referenciais simbólicos dessa oposição, na sociedade ocidental.

Ainda segundo a referida autora, a atribuição da mulher como consequência de diabolização foi através do pecado cometido pela Eva do fruto proibido e as consequências não atingiu apenas Adão e Eva mais sim essa punição foi para toda a humanidade e no castigo o homem foi condenado ao trabalho pesado enquanto a mulher “darás a luz aos teus filhos sob o poder do seu filho e ele te denominara”. Uma clara demonstração de alguns aportes os quais vão se recorrer para tentar legitimar o papel de submissão da mulher:

A associação da mulher com o demônio, o mal, a perdição da humanidade foi fundamentada numa época, a baixa idade média de intenso fervor religioso, em que a ameaça do demônio era vista e sentida por toda parte, com isso percebemos claramente a diabolização da mulher comparada a Eva é considerada a culpada de todos os males (VASCONCELOS, 2005, p.6).

Conforme ainda outros autores citados por (Vasconcelos, 2005), a hierarquização do gênero também estaria relacionada ao fato de no homem prevalecer a razão e o espiritual, enquanto na mulher prevalecer o desejo em relação a ele, se definindo como racional e apolíneo em oposição a mulher instintiva e dionisíaca.

Para santo Agostinho todo ser humano possui em si o masculino e o feminino, para ele a mulher é semelhante ao homem, no entanto ela deve submeter-se a ele, pois foi feita como sua ajudante. Essa hierarquia de gênero também estaria relacionada ao fato de no homem prevalecer a razão e o espiritual, enquanto na mulher prevalece o desejo. O homem deve dominar a mulher, pois esta é oriunda dele e não o contrário (VASCONCELOS, 2005, p.3)

Constata-se também que tais construções que vão buscar na religião o embasamento a fim de justificar essa ampla e até desleal desigualdade entre o homem e a mulher são bastante problemáticas. Sendo que é preciso que se questionem as mesmas, pois concebê-las representaria a continuação de uma reprodução, de uma forma sistemática e até mais problemática ainda.

Nessa mesma linha de raciocínio, (Diop, 1959), fala que, na perspectiva dos colonos o patriarcado era tido como sinônimo de espiritual em direção às regiões divinas do firmamento de pureza e de castidade moral, enquanto o matriarcado como sinônimo de dependência passiva da vida terrestre, material, das necessidades do corpo.

Desde a Idade Média a escola e a família quando se tratava da educação feminina sempre vinham já com os papéis sociais do gênero definido, a mulher como esposa, dona de casa e o homem como o provedor do lar, integrante da esfera pública, onde essa obrigação na concepção de Vasconcelos é inquestionável, pelo fato de proceder da consequência do pecado da mulher.

E também, por outro lado, existem sociedades nos PALOP (Países Africanos de língua Oficial Portuguesa) que não compactuam com essa ideia (o de tornar a mulher submissa), relegando a ela espaços de maior protagonismo social, que não se limitem tão-somente no cuidar do lar e da família.

Segundo (FREITA, et al 2009), no final da Idade Média muitas mulheres eram instigadas a dar mais valor ao modelo da família patriarcal. E muitas mulheres praticamente vão se sentir coagidas a integrar as representações, as quais lhes foram de forma psicológica estabelecida, nomeadamente, aquela velha estrutura familiar, muito conservadora e protetora que se entende por: mãe, pai e filhos, onde a mãe sua responsabilidade é cuidar dos filhos e o pai buscar o sustento da família.

Isto implica dizer que o poder de decisão sobre os recursos financeiros está sob o controle do pai. Como autoridade máxima deve preservar uma distância afetiva dos filhos, enquanto a mãe, por sua vez, deve corresponder às exigências e expectativas sociais da sociedade em que se encontra inserida (tradicional, sobretudo nas africanas, que vão entendê-las como tradição que não se deve romper), desempenhando funções na organização doméstica e cuidado dos filhos.

No artigo intitulado “Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família”, as autoras Perucchi e Beirão (2007), asseguram que compreender a paternidade nesse contexto é questionar a produção de conceitos baseados na estabilidade da família e contestar a concepção de papéis fixo e naturalizados. Isto é, pais e mães assumem funções específicas na educação dos filhos e que o cuidado da casa e dos filhos permanece sob responsabilidade da mãe, e essa distinção dos papéis foi feita por meio de construções sociais de gênero no que tange às atribuições de masculino/feminino, construídas a partir das diferenças sociais atribuídas às diferenças sexuais. No entanto, é perceptível o peso que as estruturas sociais de gênero têm sobre a sociedade, principalmente no que tange ao ser mulher como detentora da responsabilidade pelos trabalhos domésticos e pela educação dos filhos.

Segundo (Freitas, 2009), no artigo “Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de Provedor” os posicionamentos assumidos pelos participantes acerca da paternidade indicam a vivência da paternidade como um atributo social, reflectem a ideologia patriarcal como uma pressão social sobre o homem, gerada pela imposição de papéis que, quando não cumpridos, põem em xeque sua masculinidade. No entanto, é preciso salientar que Walânia Freitas et al (2009), afirma que o modelo de pai provedor é o modelo do bom pai, imagem esperada socialmente pelo homem, esses aspectos de autocontrole regulam a masculinidade na sociedade em que o ser homem está relacionado a ser culturalmente dominador e controlador conforme alguns relatos obtidos através dos participantes na pesquisa da autora.

A autora mostra que essas construções sociais dos papéis do homem, elas não são de ordem biológicas mas sim sociais, diferente do que Vasconcelos aponta, isto é, a mesma sinaliza que essas construções se deram por ordem biológicas e não sociais conforme muitos pensadores da época descreviam a mulher como um ser biologicamente frágil, afetiva, doce e sobretudo passiva, como aponta a autora:

Na sociedade idealizada por estes pensadores, cabe a mulher cuidar da casa, dos filhos e do marido, enquanto o homem deve pertencer à esfera pública. Esses argumentos são fundados na ideia de que a natureza já determinou os papéis sociais de gênero, reforçando assim a necessidade de convencer as mulheres do seu destino “natural” de ser mãe. Nesse sentido, os médicos vão ter um papel essencial por construir um discurso sobre o corpo feminino, considerado mais frágil e apropriado apenas para a maternidade (VASCOCELOS, 2005, p.8).

De acordo com a Leonor Balancho (2004), ao falar sobre as transformações intergeracionais em ser pai, com a entrada da mulher no mercado do trabalho ela começou a sentir-se sobrecarregada com as tarefas, e conseqüentemente acumulação de responsabilidades

de casa. Ao ver-se só por escolha, imposição ou divórcio, a mulher idealizou um novo parceiro, alguém que poderia se envolver também com as responsabilidades nos cuidados com a casa e na educação dos filhos. Podemos dizer que a tarefa de educar os filhos tendo que conciliar isso com a independência profissional, econômica e até política da mulher se encontram limitadas a esse dilema de que ao mesmo tempo ter que zelar pela família.

As autoras Sutter e Maluschk (2008), no artigo “Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa”, vão mostrar que a paternidade participativa requer um cuidado, capacidade de cuidar e se envolver numa relação de intimidade e assume responsabilidades. Estes, estão presentes desde o nascimento disponibilizando tempo e dedicação não só pelo trabalho, mas também pela educação, muito ao contrário da masculinidade em que o homem é aquele que garante só o sustento da família. Ainda, para as autoras, pai é aquele que além de manifestar o desejo de participar ativamente na criação dos filhos prioriza qualquer outro tipo de trabalho em relação.

Além disso, a paternidade é ancorada na identidade da masculinidade. Para muitos homens o papel do pai dentro de uma família é apenas a responsabilidade de mantedor da família e em vez, o macho reprodutor, Sutter, et al (2008). São esses papéis que vão costurar na maioria das vezes destinos de muitas mulheres, inclusive fazer com que essas não tenham uma visão política emancipatória. No entanto, como já tinha referido anteriormente, a escolha em debruçar-se sobre o presente tema parte também em tentar analisar a real concepção que muitas dessas mulheres (mães) têm sobre o seu papel e o que isso representa para elas, na educação dos seus filhos.

Visto que a educação das mães para com os filhos é concebida como algo obrigatório, enquanto para os pais é algo subjetivo, funcionando como uma “ajuda” à mulher, podemos considerar como algo naturalizado a maior participação das mulheres na vida escolar dos seus filhos.

3 EDUCAÇÃO E PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM CABO VERDE

Nesse capítulo iremos discorrer sobre a educação e processos de socialização e contextualização da educação em Cabo Verde na perspectiva do professor TAVARES (2015), FURTADO (2008), do cientista social CASSAMA (2014), do consultor em socioeconomia e pesquisador da área educacional, Joaquim Jorge Monteiro Morais (2009) e do historiador MONIZ (2009), com enfoque no período histórico colonial, a fim de compreender como isso influenciou socialmente na percepção dessas mulheres.

Cabo Verde, como já foi citado acima, é um país insular situado no meio do Atlântico, cerca de quinhentos quilômetros da costa ocidental da África, composto por dez ilhas e cinco ilhéus numa área emersa de 4.033km². Efetivamente, o país teve sua independência no ano de 1975, a partir desse momento o arquipélago passou a ser dirigido pelo Partido Africano da Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC), o qual estava à frente da luta armada pela independência da Guiné Bissau, conhecida no período como (Guiné Portuguesa) e Cabo Verde. Cabo Verde, assim como Guiné Bissau, Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe, foi colônia portuguesa, porém existem controvérsias sobre a existência de população no território antes da invasão dos portugueses, uma vez que muitos e, sobretudo os portugueses alegam que ao chegarem naquele território não havia existência humana ali.

Segundo (CABRAL, et al 2001), no artigo intitulado “Cabo Verde, uma experiência colonial acelerada (séculos XVI-XVII)”.

O primeiro século da história e atividade comercial de Cabo Verde tem sempre de ser entendida e estudada, em conexão com a da costa da Guiné, assim como o inverso. A legislação política criou um espaço económico composto por duas áreas geográficas profundamente interdependentes, cujo funcionamento era conjunto. Santiago foi, durante décadas, a “feitoria portuguesa da Guiné”, a qual em vez de ter sido instalada no próprio continente africano, foi-o numa ilha (CABRAL et al, 2001, p. 11).

Com base na citação acima constata-se que a história que envolve Cabo Verde e Guiné Bissau iniciou-se antes da criação do PAIGC, no entanto ao estudar um desses países se faz necessário partir da conjuntura que as unem, sobretudo o fato da localização da metrópole portuguesa se localizar no arquipélago de Cabo Verde, concretamente na ilha de Santiago.

De acordo o autor e historiador (Moniz, 2009), em sua obra “Africanidades versus europeísmos pelejas culturais e educacionais em Cabo Verde” (2009), sobre o consenso em relação à existência ou não do povo no arquipélago, o mesmo alega que:

Sobre esta questão não existe consenso. Alguns estudiosos que se debruçaram sobre a temática Cabo Verde, dos quais Albuquerque, ocupa um lugar de destaque pela profundidade dos estudos desenvolvidos, refutam esta abordagem. Este autor argumenta que tudo não passou de “uma síntese de lendas acumuladas durante anos e anos, passivamente recolhidas na *Naturais História*. Albuquerque estriba-se na ausência de tal notícia - a presença de povos anterior à chegada dos portugueses (MONIZ, 2009 p.70).

Mas, contudo, segundo as histórias ensinadas nas escolas em Cabo Verde, os portugueses chegaram no território cabo-verdiano no ano de 1460, entretanto, iniciou-se o povoamento do país, ou da ilha de Santiago e Fogo entre o ano de 1460 a 1462, com grupo dos portugueses e genoveses trazido da Europa e os escravizados trazidos da costa ocidental da África. Dentre eles, os escravizados formaram um maior número das pessoas que contribuíram para o povoamento das ilhas do arquipélago e constituição da identidade cabo-verdiana.

Segundo (Tavares, 2015):

A gênese e evolução da língua e cultura crioulas, no território cabo-verdiano, desenrolou-se num contexto multicultural de dominação e de resistência, marcado pelo encontro e desencontro de culturas dominantes e subalternas, transformando o arquipélago atlântico num verdadeiro laboratório da miscigenação crioula nos trópicos (p.2)

Com base nessa citação percebe-se que a formação da população caboverdiana se deu a partir do período que se iniciou o processo de cruzamento étnico e cultural, com a intersecção do homem europeu com as escravizadas africanas.

Diante disso se faz necessário enfatizar o aspecto da nossa língua ou um dos elementos que faz parte da nossa identidade, a língua cabo-verdiana, a qual emergiu na necessidade urgente dos antigos senhores dialogar e compreender seus escravizados durante o percurso da viagem, que se dava efetivamente na ilha de Santiago com intuito de troca e venda das mercadorias no arquipélago de Cabo Verde durante a era colonial.

O país tem como a língua materna o crioulo e a língua portuguesa como a língua oficial, porém a língua mais usada pela população cabo-verdiana é o crioulo. Todavia, as instituições cabo-verdianas de ensino, não ensinam e valorizam da mesma forma as duas línguas, pois, elas “subalternizam” a língua crioula em detrimento da língua portuguesa, inclusive no que concerne aos espaços tidos como “formais”. Neste caso, a língua crioula é mais usada nos espaços de interações sociais, afetivas e familiares.

Entretanto, na minha percepção, o conhecimento ou a consciência dos aspectos históricos na formação da língua materna de Cabo Verde e o ensino nas escolas, possibilitariam os alunos ter maior autoestima, maior interesse/participação/escrita, maior aprovação, melhor

relação professor e alunos, desenvolvimento cognitivo e facilitava a compreensão da população cabo-verdiana sobre a formação da sua identidade, tendo em conta o conflito identitário existente no país, onde muitos não sabem e não reconhecem a sua identidade.

Para isso se torna necessário a relação do professor e a escola no que concerne a língua materna, a oralidade e a aquisição da língua escrita (nesse caso o português), sem subjugar a língua que o aluno tem maior domínio, com intuito dos mesmos compreenderem os processos históricos ou possibilitar o conhecimento dos alunos que a língua portuguesa falada nos dias de hoje nas escolas é a língua do colonizador, a qual foi imposta e não é usada na comunicação do dia-a-dia, e diante disso nem todos tem domínio sobre ela, visto que a escola deveria promover consciência da nossa identidade a partir desse processo linguístico.

Importante ressaltar que a língua portuguesa sendo língua dos colonizadores não cabe lhe adotar como língua nacional do país, onde acarretou inúmeras sequelas. No entanto, a partir da necessidade de emergir uma outra língua para a comunicação e a existência de outras línguas nativas nas outras colônias, podemos afirmar que a língua portuguesa nunca foi inteiramente seguida nas socializações linguísticas dos países colonizados.

Perante o impasse ou controvérsias existentes no quesito da identidade cabo-verdiana, pois, o país não era habitado antes da invasão portuguesa, isto é, o processo da formação da sociedade cabo-verdiana em relação aos outros países no continente africano, também colônia portuguesa, se deu de forma distintiva, “A passo que os outros países africanos já eram habitados por comunidades indígenas, antes da invasão dos colonizadores europeus, Cabo Verde não era habitado antes da chegada dos portugueses” (TAVARES, 2015).

3.1 CABO VERDE NO CRUZAMENTO DA ÉPOCA: OS DESAFIOS DA LUTA E INDEPENDÊNCIA DO PAÍS

Amílcar Cabral integrante e líder do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), sempre esteve à frente para a libertação do povo da Guiné e Cabo Verde. “Amílcar Cabral, como líder do movimento independentista da Guiné-Bissau e Cabo Verde, percorreu vários países na África e em outros continentes, o seu sonho era ver os territórios colonizados livre do jugo imperial”, (CASSAMA, 2014).

Durante o processo para a libertação de Guiné e Cabo Verde, Amílcar Cabral fez várias alianças com outras organizações internacionais, objetivando atenção do colono que não estava só e que a luta estava se fortalecendo. Desse modo, de acordo com o cientista social guineense CASSAMA (2014):

Os apelos de Amílcar Cabral e nem as pressões da chamada comunidade internacional, fez o Governo português recuar na sua pretensão de manter as colônias a qualquer custo. Isso fez o PAIGC, partir definitivamente para a luta armada com o objetivo de libertar os povos da Guiné-Bissau e de Cabo Verde do jugo colonial português (CASSAMA, 2014 p.72).

Ainda, no que concerne à construção da identidade, a psicóloga social Suelda de Albuquerque Ferreira, no seu artigo “A Identidade no processo de construção da nova identidade “(2008), afirma que o processo de construção da identidade condiciona o comportamento do indivíduo em determinadas situações, intimamente relacionadas com a cultura e a sociedade em que esse indivíduo está inserido

Baseando nas minhas vivências enquanto cabo-verdiana, atualmente muitos cabo-verdianos passam por dificuldades de ensino e aprendizagem devido a não compreensão dos discursos históricos no país, e a fomentação do sistema da educação colonial no país que não valoriza a língua crioula e identidade da população africana.

Na instituição onde fiz meu ensino médio, nós estudantes éramos proibidos de expressar na nossa língua materna dentro da sala de aula, e caso alguns alunos contraí-lo (la) professor(a), era punido de alguma forma. Muitas vezes tinha alunos querendo dar a sua contribuição nos debates, mas porque não sabia pronunciar algumas palavras na língua do colono se sentia inibido de falar, ação este que impacta direto no ensino e aprendizagem do aluno, deixa-o com receio de se pronunciar no meio dos seus colegas e favorece os que de alguma forma já estão familiarizados com língua portuguesa, em muitos casos aqueles cujo os pais possuem uma vida social concebível, ou no caso o que o sociólogo francês (Pierre Bourdieu, 1985) chama de capital cultural. Uma bagagem cultural que os alunos pertencentes a classe social mais favorecida obtém e faz com que o mesmo esteja em benefício aos que estão adquirindo alguma bagagem ali na escola. Bagagem cultural que inclui viagens aos exteriores, livros, cinemas, sobretudo escolas e aulas particulares.

Nesse âmbito, (Tavares, 2015), salienta que, “a construção de discursos e identidades nas escolas cabo-verdianas deve ser analisada a partir da relação de tensão resultante da sobreposição do discurso hegemônico da escola, representado pelo professor, sobre o discurso subalterno do aluno”.

Nessa perspectiva, (CABRAL, et al 2001), afirmam que:

A experiência colonial de Cabo Verde, onde todos os povoadores eram estranhos, desempenhou um papel decisivo no futuro da expansão portuguesa, já que o arquipélago foi o laboratório onde se experimentou novas formas de colonização, novas relações sociais, novas vivências culturais e se constituiu, com percalços

diversos, uma identidade a partir de heterogeneidades confluentes (CABRAL, et al 2001, p. 2),

Cabo Verde, localizado no meio de oceano, a sua localização possibilitava pontes entre o colono com outras colônias, e estando num local privilegiado, ali foi implementado a primeira capital colonial urbana nas colônias, residente na cidade da Ribeira Grande de Santiago, hoje conhecida como Cidade velha, abarcava câmara municipal e exercício do poder local no arquipélago. A cidade de ribeira grande fazia encruzilhada entre três continentes (Europa, América e África) e servia de entreposto negreiro. Trajeto em que os navios vindos dos países da costa africana para o Brasil e Europa paravam e depois seguiam para o destino da viagem, isto é, a rota para ilha de Santiago unia três continente, devido a sua localização estratégica, e era o ponto onde acontecia o processo de latinização dos escravizados, abastecimento dos navios e comércios dos escravizados.

Cabo Verde começou por presenciar o alargamento espacial vertiginoso das navegações delongo curso e da nova imagem do planeta que elas proporcionaram. Como ponto estratégico cuja importância para o Atlântico oscilou ao sabor de muitos interesses, por aqui passaram notícias, ambições, riquezas, ruína, morte, destruição, mas também aqui surgiu capacidade de recuperação endógena e de iniciativa no isolamento (CABRAL, et al, 2001, p.2).

Ao período e as consequências da colonização, Amílcar Cabral, levanta algumas críticas ao sistema de ensino colonial na medida que a escola é vista como detentor de conhecimentos, as quais apresenta consequências como um dos meios de ensino que possuem um papel principal na disseminação da cultura e preparação dos jovens como futuros alicerces da sociedade.

“As instituições escolares, além de transmitir conhecimentos, têm também como função participar da socialização do indivíduo através da transmissão de hábitos, atitudes, normas e valores” (CASSAMA, 2014, p. 25).

O mesmo autor ainda enfatiza que a escola é e foi, sem dúvida um dos principais, senão, o principal veículo do Governo português para a consolidação do seu poder nas colônias, preparando os indivíduos com a formação religiosa, política, moral e social, baseada nos padrões nacionais, com o intuito de reforçar o poder da metrópole nos territórios colonizados.

Cabo Verde, inicialmente não tinha proposta de ensino, a priori acontecia incremento religioso e ensinamentos de alguns preceitos da língua para que sucedesse comunicação no processo de compra e venda, entre os escravizados e os donos. Depois de alguns anos, em 1535, o país conta com sua primeira base no ensino. Mas depois, foram surgindo os primeiros

seminários em Cabo Verde, que tinham como foco as disciplinas de Latim, Teologia e doutrinas, porém devido a vários fatores, não tiveram continuidade. Com base nisso e reorganização no plano educacional, foi criada a primeira escola primária em Cabo Verde, na cidade da Praia, no ano de 1817. Alguns anos mais tarde, foi criada cerca de 38 escolas, contudo não tiveram êxito, devido a insatisfação dos professores perante más condições de trabalho e não recebimento dos salários.

Atentando a isso, podemos constatar que a educação em Cabo Verde emergiu mediante várias situações complexas, sobretudo a de dominação e exploração portuguesa, o que significa dizer que as políticas educacionais na época colonial não foram pensadas para a população cabo-verdiana, visto que, a sua finalidade era de manipular e dominar as suas colônias.

Portanto, diante disso, podemos assegurar que a metrópole europeia nunca teve interesse em criar sistema de ensino ou educação no continente africano, no entanto a “educação” no período colonial servia como instrumento de alienação e dominação do povo africano e não de alfabetizar ou criar intelectuais críticos naquela altura de exploração.

Entretanto, a educação em Cabo Verde, ganhou um peso maior no início do século XIX, período este, que as metrópoles europeias tinham interesse maior nas colônias.

Com base nessas informações, (Moniz, 2009) salienta:

Apesar de o papel das ilhas ter sido inicialmente de servir como palco para a cristianização e transmissão de alguns princípios da língua para que houvesse comunicação entre os escravos e os seus donos, as preocupações com a educação propriamente dita foram de um modo geral insignificantes (MONIZ, 2009 p.10).

Assim, de acordo com o sociólogo, consultor em socioeconomia e pesquisador da área educacional, Joaquim Jorge Monteiro Morais, na sua dissertação de mestrado “Cabo Verde: um projeto de país e a ideologia da educação como estratégia para o desenvolvimento” (2009):

Em Cabo Verde, particularmente, dado o papel das ilhas para o tráfico de escravos, a educação esteve durante este período a cargo das missões religiosas encarregues de cristianizar e ensinar alguns rudimentos da língua portuguesa aos escravos a caminho das Américas (MORAIS, 2009 p.17).

Além disso, o mesmo realça que esse processo desvalorizava e desrespeitava a cultura dos povos colonizados, recorrendo a metodologias que conduziam o colonizado à desvalorização da sua cultura.

De acordo com professor cabo-verdiano Tavares no seu artigo “Educação e diversidade em Cabo Verde: um estudo sobre a pedagogia de exclusão da língua materna do sistema de

ensino” (2015), o estudo da Educação em Cabo Verde exige, a princípio, uma análise sobre os discursos e as narrativas que informam a sua gênese e a sua constituição histórica.

No período colonial a ação educativa era vista como missão civilizadora e tinha como intuito de legitimar a presença e dominação colonial portuguesa em África, e no período pós-colonial a ideologia no país era da reconstrução nacional e reafirmação da identidade cabo-verdiana, com ideia de realçar as narrativas do nacionalismo e uma nação soberana.

Em outras palavras, a ação educativa desenvolvida no período colonial por Portugal, estava intimamente ligada aos seus benefícios políticos para a exploração das colônias. Para isso usavam a igreja como aparência, ou alicerce, “a desmesurada igreja católica de Cabo Verde logo se revela frágil na moldagem da sociedade local à imagem e semelhança da cristandade europeia” (CABRAL, Iva et al. 2001).

Partindo da ideia de educação como um processo que acompanha o ser humano e suas modificações e um dos mecanismos que impulsionam o desenvolvimento das sociedades, João Paulo Mendes Furtado, na sua dissertação, “Evolução da Educação em Cabo Verde antes e depois da independência”. (2008) destaca:

A educação em cada fase da sua evolução histórica, foi sempre um produto cultural da sociedade. Neste sentido, a reflexão sobre a evolução da educação em Cabo Verde, permitimos conhecer o passado, descobrindo as origens longínquas das nossas tradições educativas, permitindo ainda compreender a evolução, os processos de mudança, as etapas e, sobretudo, fazer um balanço mais inteligível da situação da educação atual (FURTADO, 2008 p. 8).

A educação está relacionada as transformações que a sociedade perpassa, sobretudo as transformações sociais, culturais e políticas, porém em Cabo Verde ela se estendeu nas ideologias coloniais e não atende às dinâmicas e transformações da sociedade cabo-verdiana e que acaba interferindo no entendimento da população residente no país.

Pelo fato de o sistema educativo de Cabo Verde fazer parte integrante do sistema educativo português, no período colonial, o mesmo ficou com várias marcas no que refere às questões, sociais, políticas, económicas e culturais, que ocorreram durante o sistema colonial português.

Assim, Tavares afirma que a educação em Cabo Verde na época colonial se representava por uma certa alienação, uma vez que não era baseada no quotidiano cabo-verdiano, e em detrimento disso os ensinamentos eram inadequados para a realidades sociopolítica e cultural do país.

Portanto, Moniz (2009) fomenta que:

No período pós-colonial, o sistema educativo cabo-verdiano conheceu sucessivas modificações, dada a necessidade constante de procura do melhor modelo que sirva às necessidades do país em cada etapa de desenvolvimento. Concomitantemente, a administração do sector foi conhecendo alterações, tanto a nível das estruturas organizativas, como a nível funcional. As sucessivas alterações no sistema foram feitas no quadro das reformas educativas que tiveram lugar no país (MONIZ, 2009 p.).

Dessa forma, podemos realçar que embora Cabo Verde hoje se encontra a comemorar seus 45 anos da independência colonial ou de uma nação soberana, alguns preceitos que regem no país são reproduzidos a partir da realidade europeia, sobretudo as narrativas as quais subalternizam o lugar da mulher, levando em conta o período colonial que muitas eram obrigadas a ficar em casa cuidando dos filhos, enquanto os maridos participavam do exército e na luta da independência e, ainda, principalmente, realçar a ocorrência de modelo educativo de Cabo Verde obter como base o sistema educativo do opressor, também podemos mencionar os materiais didáticos nas escolas, os quais visam promover mais a história da Europa do que a realidade do arquipélago e do continente.

Enfatizando o aspecto histórico e cultural do país, este inicia depois da chegada dos exploradores portugueses em Cabo Verde, e posteriormente com a povoação no território, no entanto as questões sociais e culturais se encontravam intimamente ligadas a administração portuguesa na época, uma vez que as ideologias portuguesas foram incutidas durante o período da colonização, ou seja, por muitos anos os exploradores português mantiveram-nas na tentativa de nos fazer acreditar que as suas crenças, vivências e formas de enxergar o mundo eram certas e as pessoas que não se enquadrassem nesse padrão seriam vistas como inferiores.

Todavia, o início da história nacional de Cabo Verde começou depois da independência, concretamente no século XIX e começo do século XX. O processo aconteceu de forma gradual, com o intuito de solucionar as reivindicações da elite cabo-verdiana como modo de desvincular a negligência do colonizador no que concerne às suas práticas em Cabo Verde.

Com o processo de formação nacional, muitos lugares de destaque ou instituições administrativas passaram a ser administrada pelos próprios cabo-verdianos ou por aqueles que já tinham uma grande aproximação com a metrópole portuguesa, com restrição aos cargos mais elevados. Contudo, essa nova administração nacional em Cabo Verde, estava assegurada a uma escolarização dentro do parâmetro introduzido por Portugal, a qual cooperaram para o surgimento das elites, isto é, colaborava para a segregação nacional. No século XX, essa camada começou a pensar e discutir as questões da independência, contrapondo as ideologias da metrópole e começaram a entender a importância de uma autonomia elevada.

Como citado acima, Cabo Verde pelo fato de ser povoado por diferentes povos tem conflito muito grande no que tange o seu aspecto cultural, pois, a existência da mistura no país não é apenas na tonalidade da pele, mas também nos traços fenóticos. Dessa forma, muitos cabo-verdianos tem dificuldade de aceitar as suas raízes, tendo em conta que nas escolas não temos muitas disciplinas ou conteúdo que possam nos fortalecer no reconhecimento da identidade.

Ação este que ainda perpetua no território cabo-verdiano e com tendência a demorar um tempo devido os dirigentes do país, cujas suas formações e visões partem da ideologia portuguesa. Não obstante, durante o período colonial do país onde as práticas educativas visavam a estadia dos portugueses no país e a exaltação das suas narrativas.

Importante realçar que muitos problemas existentes na sociedade cabo-verdiana são resultado dessa ideologia, ejetada no país, as quais demandam tempo e novas perspectivas para fazer com que haja mudanças, e sobretudo o desenvolvimento no país. Com relação às demandas educativas, nos espaços tidos como formais, o modelo do currículo utilizado não contribui para o surgimento de novos intelectuais ou de pessoas que possam trazer novas inquietações para o país, pois será uma continuidade no que já encontra. Portanto, nesse sentido, acredito que o sistema educativo é perverso, dado que aniquila conhecimento e vivências da população cabo-verdiana, quando se tem contato com esses espaços tidos como escolares.

Cabo Verde, mesmo se passando cinco séculos depois da invasão europeia, ainda enfrenta desafio de progresso e do crescimento uma vez que as consequências do mesmo dominam na sociedade cabo-verdiana, e as chamadas elites continuam-se espelhando dos modelos sociais e culturais do colono, sem atentar as especificidades internas do país.

3.2 DISCURSOS QUE DIRECIONAM A MULHER A PARTICIPAR DIRETAMENTE NA FORMAÇÃO COTIDIANA DOS FILHOS

Aqui buscaremos com base na continuação das discussões anteriores, pontuar as consequências que ocorrem, quando a sociedade produz discursos que contribuem com que a mulher participe diretamente na formação dos filhos, ou seja, assegurar atitude que aqui podemos catalogar de machista e que vai de certa forma limitar a atuação da mulher em diferentes lugares e estruturas sociais, lugar estes como na política, no comando de exército, na comunicação, entre outros âmbito sociais, onde limitam a atuação das mulheres com base nos discursos produzidos socialmente, às quais são consideradas como as principais donas de casa e responsáveis pela formação dos filhos, os mesmos limitam as atuações das mulheres, tendo

em conta que a concepção deles sobre o gênero feminino (a mulher é responsável pelo cuidado da casa e não ocupando outros lugares da sociedade) e receio da concorrência a qual isso possibilita.

A contraposição do gênero na educação pode ser algo extremamente defeituoso na formação dos filhos, uma vez que se espera que esses sejam ou tenham referências do pai ou da mãe. Ou melhor, crescer em um ambiente onde a mulher é a incumbida apenas dos afazeres domésticos, significa, ou tal cenário configura no imaginário daquela criança que a mulher só serve para cumprir somente aquele papel.

Dessa forma, podemos dizer que a percepção dessa criança sobre seu lugar na sociedade e o lugar da mulher é restrito aquilo que a presenciou. Segundo autora Amélia da Graça (2014), quando o pai tira a sua responsabilidade de participar ativamente no dia a dia da criança, ele não reconhece a importância, da sua presença na vida futura daquele filho, tendo em mente que a educação, formação e socialização dos filhos dependem de duas pessoas, pois a partir da sua base, a criança começa a conhecer e entender o significado da vida e das demandas da sociedade.

Dada realidade percebe-se que o papel do homem se restringe muito ao aspecto financeiro, isto é, muitas das vezes numa família se têm a presença masculina, porém apenas como o papel estabilizador e de abastecer o conforto da família. Não dando apoio emocional ou convivendo efetivamente no cotidiano do filho.

Exemplo disso, na minha família, somos dez (10) irmãos, onde durante todo o nosso percurso de formação tivemos presença da nossa mãe ali conosco, sobretudo no que diz respeito à questão financeira. Além disso, a mesma trabalha fora, mas sempre quando tinha reunião fazia possível para comparecer, e nos dias que tivesse em casa ou na proximidade da escola, passava na turma para conversar com a professora e perguntar como estávamos indo na escola.

Meu pai, a imagem dele em casa era e é de provedor do lar, o que mantém o conforto e traz uma certa segurança ao lar. Em Cabo Verde, e não só, eu acredito, a casa que tem presença masculina do pai é muito respeitada, até mesmo a forma com que os filhos respeitam a mãe é diferente.

Com as novas configurações familiares, a mulher ela tende a assumir diversos papéis. Além do papel de esposa ou companheira, a mesma luta e ordena a casa e muitas das vezes como trabalhadora do serviço público. O caso da minha mãe, para além dessas tarefas a ela concebida dentro de casa, a mesma era funcionária pública. O que não fez com que ela deixasse de participar ativamente na socialização ou contribuir bastante para a nossa formação.

Durante a semana ela trabalha fora e ele no campo, mas nos dias de domingo todos nós ficamos em casa, contudo, nos domingos que o nosso pai ausentava de casa para visitar compadres ou amigos, a casa ficava muito bagunçada ou um pouco sem ordem se assim posso dizer, mesmo nos dias da semana quando não se encontrava, todavia quando estivesse em casa todo mundo procurava alguma ocupação para fazer, com receio de levar surra.

Com relação às nossas atividades de escola, a nossa mãe não sabe ler, porém o nosso pai sabe, e devido a não aproximação com os filhos, a nossa irmã mais velha nos auxiliava nos estudos, uma vez que o mesmo limita muito a aproximação, não sei explicar se é pelo fato disso ser passado para ele, a partir do pai ou por causa da construção que ele tem sobre a sua responsabilidade enquanto pai. Hoje, essa situação se tornou comum, devido os anos que vem sendo reproduzidas. E conforme Graça (2014), esse fator tem afetado muito a nossa sociedade, isto porque a imagem paterna perdeu o seu vigor na educação dos filhos.

Quando a criança não tem o pai presente torna muito difícil a sua socialização e formação no seu todo, devido ao imaginário que terá sobre a ausência do seu pai que dificultará ou não na pessoa que futuramente será. No entanto, estamos perante várias situações que nos faz acreditar que isso se dá devido às ações que a sociedade impõe sobre a vida humana.

Autora (Graça, 2014), enfatiza que:

Para Giddens (2001:188), o período que vai do fim dos anos 30 até à década de 70 foi já chamado período do “pai ausente”. Durante a segunda guerra mundial, muitos pais quase não viam os filhos, porque estavam no campo de batalha ou a prestar serviço militar. No período que se seguiu à guerra, numa percentagem elevada das famílias, a maioria das mulheres não tinha uma atividade laboral paga e ficava em casa a tomar conta dos filhos. O pai era o principal ganha-pão da família, permanecia sempre fora de casa durante o dia inteiro, só estaria com os filhos à noite e aos fins- de -semana (GRAÇA 2014, p.46).

Todavia, a questão da ausência do pai não afetou apenas o passado, mas continua a influência, a postura dos pais da atualidade, isso implica dizer que os pais não convivem diretamente na formação dos filhos por motivo externo, porém caso coabita no mesmo lar não participa ativamente na vida social da sua família.

Muitos pensadores afirmam que a socialização dos filhos não cabe apenas aos profissionais, mas sim toda a sociedade, especialmente a família, pois deles partem um maior interesse na educação e formação dos filhos. Para Rosinete da Conceição de A. Lopes, na sua obra nomeado “A importância da participação dos pais na vida escolar dos filhos” (2011).

Denomina se família o primeiro grupo social do qual fazemos parte, onde cada um começa a construir sua história de ida, e sua identidade cultural. Através da família

indivíduo recebe influências de valores e sabe-se que a estrutura familiar e social, está em constante transformação, pois há influência de fatores sociais, econômicos, políticos e religiosos, fazendo com que os papéis se modifiquem cotidianamente. Com a introdução do capitalismo, a família mudou sua estrutura, a mulher teve que ingressar no mercado de trabalho, transferindo assim, a função de educar os filhos para a escola, mas a escola não pode e nem tem estrutura de assumir esta responsabilidade (LOPES, 2011, p. 3).

A mulher como esposa a sociedade lhe atribui o cargo de cuidar ou fazer ela sentir a obrigação de cuidar dos filhos, e muitas vezes do próprio marido quando o marido passa muito tempo fora, trabalhando no setor público e mesmo trabalhado também fora de casa, se discerne na obrigação de organizar as tarefas de casa e cuidar da socialização do filho. Visto que qualquer má educação ou o filho não alcançar êxito escolar a culpa cairá sobre suas costas ou é vista como má esposa e dona de casa. O qual eu acredito ser maior motivo para as mulheres mesmo com seus afazeres contemporâneos ainda participem ativamente no cotidiano do filho e temor de ver seu filho ir para um caminho não desejado.

Ainda segundo a autora (Amélia, 2014), algumas escolas em Cabo Verde questionam a presença dos pais nas atividades escolares dos filhos e criando estratégias de modo a obter uma maior aderência por parte da família na escola, porque as mulheres estão ocupando outros espaços e quando as mesmas estão noutros âmbitos da sociedade, os pais não comparecem à escola para participar na vida escolar dos seus filhos.

Levando em conta que a família e a escola são um dos primeiros espaços sociais que a criança frequenta e lhe possibilita exemplos que servirão como referência para a construção da sua visão de mundo, esses espaços além de trabalhar simultaneamente, deveriam construir novas visões de mundo, inclusive ensinamentos que contribuem para os desenvolvimentos tanto intelectual, social e humano da criança.

Nessa perspectiva, Gracelinda Mendonça na sua monografia, “O envolvimento dos pais e encarregados de educação na escola. Caso: Escola Secundária Manuel Lopes Cidade da Praia” 2012, revela que uma das primeiras funções da família é a criação de ambientes sociais e familiares que valorizem a educação e a cultura. Esta função de educar os filhos consiste em prepará-los para agir com responsabilidade no mundo social que é bastante desafiador.

Portanto, os ensinamentos passados dentro do seio familiar para uma determinada criança é de extrema importância na medida que família é o primeiro espaço de ensinamentos ou o espaço onde os pais tendem a passar o melhor da sua vivência para o filho, dessa forma quando um dos dois lados da família falha com a sua obrigação, as consequências reverberam em cima do filhos. Ele crescerá espelhando ou tonando aquele ensinamento como o melhor. Na perspectiva de (Mendonça, 2012): “a participação da família no processo educativo dos seus

filhos tem que ser uma atividade dinâmica e criativa, capaz de incentivar a mesma participação que se quer profícua para todos os elementos da sociedade” (MENDONÇA, 2012, p. 18-19).

Com base na citação acima podemos afirmar que a escola é o reflexo da sociedade, ou seja, ela acompanha as mudanças e dinâmicas da sociedade e passa para as crianças, de modo que elas entendam o meio onde estão inseridos, porém muitas das vezes a escola se prende em uma determinada ideologia, que faz com que ela não acompanhe as dinâmicas em que a sociedade está passando e criando controvérsias.

Vale dizer, por outras palavras, que a família, é a base e alicerce dos seus filhos, em que para a compreensão da sociedade onde estão inseridos precisam conhecer e se espelhar no seu alicerce, que muitas das vezes a criança nasce numa família com alguns problemas, ao crescer acaba reproduzindo os mesmos problemas na medida que nasceu ali e entendeu que aquilo era o ideal para ele, e foram os preceitos da família e outras vezes, chegam na escola e, começam passando por diversos confrontos ou contradições sobre o que aprendem em casa e o que ensinam na escola. Segundo (DIOGO, 1998), citado por (MENDONÇA, 2012):

[...] a família é a primeira etapa de socialização da criança e como tal ela constitui a primeira escola para ela que lhe fornece as bases sólidas para a construção da sua vida acadêmica, social e cultural. Este processo de socialização varia de família para família, tendo sempre em atenção o meio onde cada família está inserida. Sendo assim, as práticas educativas variam de família para família (DIOGO 1998 apud MENDONÇA 2012 p.28).

A partir disso podemos constatar que a presença do pai além de trazer benefícios na formação do filho, também ajudará a compreender melhor os papéis socialmente designados a homem e mulher, onde muitas das vezes os filhos homens tendem muito a se espelhar nos seus pais, crescendo na presença da figura paterna, isso só lhe auxiliará a ser um bom pai conseqüentemente, ou desejar passar os mesmos ensinamentos para os seus filhos e não execrar a segregação dos trabalhos domésticos baseados no gênero, uma que vez na sua base teve essas referências.

Dessa forma, (Mendonça, 2012), ressalta a participação dos pais na vida escolar dos seus filhos:

Não só traz benefícios ao aproveitamento escolar dos alunos, como aumenta a motivação dos alunos pelos estudos, ajuda os pais a compreender melhor o esforço realizado pelos filhos, melhora a imagem social da escola, reforça o prestígio profissional dos professores, ajuda os pais a desempenharem melhor os seus papéis, ou seja, incentivam os pais a serem melhores pais, estimulam os professores a serem melhores professores. (MENDONÇA, 2012 p. 34)

E de acordo com a minha vivencia e o meu percurso escolar em Cabo Verde, constato que a maioria dos pais não frequentam a escola onde seus filhos estudam, e muitas das vezes nem sequer conhecem os(as) professores(as) dos seus filhos, devido o distanciamento que se tem na formação dos filhos e a percepção que tem sobre a sua contribuição financeira na vida deste.

4 CONSTRUINDO DADOS EMPÍRICOS DA PESQUISA

Aqui faremos uma análise e interpretação dos dados da pesquisa com base nos relatos das(os) nossas(os) entrevistadas(os) e entender as percepções e compreensões sobre a sua agência na vida e educação dos filhos. Para a realização da pesquisa, trabalhamos na base do método qualitativo, tendo em conta que o mesmo possibilita a recolha de informações e dados detalhados sobre o nosso objeto de pesquisa, possibilitando a compreensão dos factores que influenciam a percepção das mulheres cabo-verdianas na educação dos filhos. Para a realização da mesma foi pensado como meio de coletar dados a entrevista, com intuito de nos aproximar da realidade vivenciada pela interlocutoras da pesquisa e até mesmo participar da sua realidade durante o período da pesquisa.

4.1 RECORTE METODOLÓGICO QUE TECEU A PESQUISA

A recolha de informações para elaboração desse capítulo foi feita com base no roteiro de entrevista, encaminhado via e-mail para a pessoa responsável em Cabo Verde (campo da pesquisa), e também se realizou algumas entrevistas via Facebook, tendo em conta que a pessoa responsável para aplicar as entrevistas obteve alguns imprevistos e dificuldades na realização. A priori eu pretendia me deslocar a Cabo Verde para realizar as entrevistas, mas perante algumas situações e condições financeiras, a estratégia de enviar o formulário para uma pessoa em Cabo Verde o aplica-lo, foi a mais viável, entretanto, foi esquematizado que uma mulher o realizasse devido a aproximação e realidade de algumas das entrevistadas que chegam cansadas de serviços, e ainda têm que dar depoimentos para um homem que possui status social acima delas. Todavia, levando em consideração a disponibilidade e o tempo, optamos em avançar a entrevista com a pessoa disponível no momento.

A recolha das informações se deu baseada nas falas de seis entrevistados, dentre esses temos quatro mulheres cabo-verdianas da cidade de São Lourenço dos Órgãos e dois esposos de duas dessas mulheres. A escolha em entrevistar essas mulheres e seus esposos tem a finalidade de compreender a trajetória de vida de algumas mulheres em gerações diferentes, classes sociais e arranjos familiares, ou melhor, queríamos trabalhar com mulheres de diferentes âmbitos sociais e homens também, como forma de entender melhor a influência que um determinado espaço social exerce ou não no entendimento e compressão do papel deles/as na formação dos filhos, pois muitas das vezes encontramos mulheres e homens com baixo nível escolar, no entanto com maior engajamento e entendimento na formação dos seus filhos.

Trabalham como vendedeiras ambulantes o dia todo e ainda assim encontram tempo para se fazer presentes e participar no quotidiano dos seus filhos. Em contrapartida há mulheres e homens que possuem um salário considerável ou trabalham em um turno do dia, mas não participam na formação dos filhos, a não ser da forma financeira. Por outro lado, também trabalhar com entrevistados de diferentes faixas etárias com intuito de analisar o seu entendimento sobre a temática, fazendo recorte de idade.

A coleta de dados em Cabo Verde com a pessoa responsável para realizar a entrevista se deu através do formulário, o qual passou para as (os) entrevistadas (os) responder as questões, porém a coleta de dados feitos por mim se deu através de chamadas e vídeo-chamadas via Facebook. Para referenciar a identidade e analisar os relatos dos(as) entrevistados (as) fizemos o uso dos nomes fictícios.

Com a recolha dos dados ou informações almejamos compreender e analisar o entendimento dessas mulheres na formação e socialização dos filhos, e ainda analisar a percepção que os homens entrevistados tem sobre seu lugar socialmente construído dentro de casa e na formação dos filhos. E nos viabilizar respostas para os problemas colocados inicialmente na pesquisa, o qual tem como objetivos específicos, identificar os discursos produzidos sobre o género feminino como o responsável para cumprir ativamente na socialização e formação dos seus filhos, refletir sobre os fatores que levam as mulheres em relação aos homens a participarem mais na socialização de seus filhos e discutir a percepção dessas mulheres sobre seu papel na formação dos filhos. Como forma de organizar a fundamentação da pesquisa foi feita análise dos referenciais teóricos.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS INTERLOCUTORES E LÓCUS DE PESQUISA

Nesta seção debruçaremos sobre os testemunhos orais de quatro mulheres de São Lourenço dos Órgãos e dois homens sobre a ideia que estes têm na socialização dos filhos, com base nas características uniformes ou dissonantes da pesquisa. Para começar a análise dos dados empíricos da pesquisa, iniciaremos com base na faixa etária dos entrevistados. Em termo do perfil das(os) entrevistadas(os), no que concerne à idade podemos dizer que o nosso público alvo da pesquisa tem idade compreendida entre 23 anos a 44 anos. Isto é, entrevistamos 2 mulheres com idade compreendida de 23 a 36, dois homens com idade compreendida entre 30 a 36 e duas mulheres de 40 anos a 44 anos, com a finalidade de compreender a concepção dessas mulheres, levando em conta as diferentes idades. O que significa dizer que a maioria dos entrevistados já tem uma idade avançada e estão em uma fase onde podem ter clara noção sobre

os papéis socialmente construídos para ambos sexos e também ter encarrado algumas experiências, visto que a maioria dos entrevistados já tem filhos maiores de idade que certamente já têm sua visão das coisas e, sobretudo, das construções sociais.

Com relação ao gênero, como citado a cima, a pesquisa contou com quatro pessoas entrevistadas do gênero feminino e duas pessoas do gênero masculino, atendendo que o objeto da pesquisa é compreender a percepção que as mulheres têm na formação dos filhos, achamos também oportuno entrevistar alguns parceiros dessas mulheres a fim de entender as suas contribuições ou não nesse quesito, e, ainda qual contributo deles nessa construção.

Dado o contexto cultural e histórico do país (Cabo Verde), a maioria dos entrevistados alegaram ser heterossexuais, com exceção da entrevistada de 23 anos, a qual alegou ser bissexual, isto é, de todos os entrevistados apenas uma mulher declarou ser bissexual. O que implica fazer recorte da idade, uma vez que essa entrevistada deixou nítido a sua compressão sobre a existência de outras orientações sexuais, além da que deparamos no dia-a-dia do cabo-verdiano, cujo se declarou ser bissexual, é a de 23 anos, o que significa dizer que possivelmente as suas vivências não são as mesmas vivências dos(as) entrevistados(as) mais velhos(as) e, também a forma de compreender as configurações sociais.

No que tange o estado civil, observamos que das seis pessoas entrevistadas temos: um casal está em união de fato, uma entrevistada viúva, duas mulheres solteiras e um homem solteiro, isso é, nenhum/a entrevistado/a se declarou casado/a, mesmo estando muitos anos com o(a) parceiro(a). Segundo o relato da entrevistada Joana⁵, perder seu marido cedo fez com que abrisse mão de muitas coisas para participar na formação dos filhos, portanto a percepção da entrevistada na formação dos filhos é de papel primordial, visto que ela é mãe e pai ao mesmo tempo e segundo a fala da mesma, percebe-se que antes do marido falecer o mesmo que arcava com a parte financeira de casa. “... antes ele assumia completamente, mas agora faleceu eu que estou à frente de tudo” (Joana, 2019).

Diante do contexto histórico e cultural de Cabo Verde, a população cabo-verdiana é considerada negra, contudo, relacionando os aspectos raciais no país e a classe econômica que inclusive as mulheres ocupam, constata-se que mesmo toda população no país sendo negra, as mulheres e homens da tonalidade de pele mais clara têm vantagens em certos lugares, lugares estes considerados de prestígios, em relação as mulheres e homens negros da tonalidade de pele retinta não tem. Sobretudo, no quesito de relacionamento/casamento, muitos homens mesmo estando no relacionamento muitos anos com uma mulher da tonalidade

⁵ Entrevista realizada por João Paulo Ramos Gonçalves, em Cabo Verde, 2019.

de pele mais retinta, almeja casar ou cria outra família com a da pele mais clara, devido a construção social que se tem no país e as oportunidades que são oferecidas a essas pessoas de tonalidade de pele mais clara, isto é, que tem fenótipo que aproxima dos brancos.

Relativamente ao número de agregado familiar, com base nos relatos das entrevistadas, podemos constatar que apesar da idade e novas oportunidades nos lugares em que as mulheres estão ocupando, atualmente as mulheres não optam em ter mais de 2 a 3 filhos. Com base nos resultados, as mulheres de 23 a 30 anos tem de 1 a 3 filhos e as mulheres de 40 anos a 44 anos tem de 4 a 6 filhos.

Também isso implica dizer que essas mulheres já tem uma determinada consciência, dos papéis que a elas são atribuídas e pelo fato dos seus planos da vida tanto acadêmica como profissional, elas escolhem ter menos filhos, e ainda levam em consideração a questão financeira, visto que algumas mulheres já deixam filhos nas creches ainda bebe e custear o seu processo de socialização ali naquele espaço, enquanto se encontra trabalhando na esfera pública.

Com relação a profissão atual dos entrevistados, percebemos que a maioria é professor/a, profissão este que ajudará bastante no desempenho escolar dos filhos e os mesmos poderão ter outras compressões sobre sua presença na formação dos filhos, pois já possuem uma certa estabilidade financeira que possivelmente os filhos não terão muitas dificuldades.

Com relação a profissão do sonho, de acordo com os depoimentos, podemos analisar que quase todos entrevistados distanciaram dos seus sonhos, inclusive as mulheres, que devido algumas circunstâncias tiveram que deixar seus sonhos de lado, para se dedicarem a família. Dessa forma (Domingas)⁶, afirma que: “Depois de terminar meu bacharelato, pensei em dar continuidade, mas com as meninas ainda menores de idade, não tem como. Gostaria muito de terminar a minha licenciatura...” (Domingas, 2020). Ainda sobre a profissão, foi perguntado as entrevistadas se faziam algum tipo de trabalho profissional antes de ser mãe e se sim, o que faziam? Segundo os relatos, percebemos que uma parte das entrevistadas já trabalhavam na profissão que se encontra hoje, e outra parte não, pois (Domingas) estava terminado a sua formação, (Joana), na altura não trabalha. No que refere a formação acadêmica dos entrevistados temos, duas entrevistadas que não tem nenhuma formação básica ou superior concluída, uma com formação profissional, uma entrevistada com bacharel e dois licenciados, porém em áreas de conhecimentos diferentes.

⁶ Entrevista realizada via Facebook, por Sónia, 2020

No que concerne a idade dos filhos, observamos que as entrevistadas, Joana e Isabel, possui filhos com idades avançadas, que certamente auxilia na criação dos outros irmãos menores, isto é, passa para outros irmãos os ensinamentos adquiridos na educação transferida pela mãe. Além dessas mulheres terem mais números de filhos, também tem essa tendência de dividir socialização dos filhos menores, com as filhas que já estão maiores. Nas escolas onde estudei, a presença das irmãs mais velhas, dos meus colegas, nas reuniões de pais na escola, era muito recorrente, e não só na participação das reuniões, também, auxiliam na tarefa de casa dos irmãos, assim como, na compra dos materiais escolares no início dos anos letivos.

4.3 ITINERÁRIO E EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E DOIDAS POR MULHERES

Aqui perguntados aos homens e mulheres sobre algumas questões relacionadas à maternidade, as suas vidas antes e após essa experiência, no entanto, percebemos que as mulheres com baixas condições financeiras tendem a ser mais participativas na formação dos filhos em relação as mulheres com boa condição financeira, ou as que trabalham na esfera pública. Mesmo trabalhando nos dois períodos do dia, reserva tempo para se fazer presente na vida dos filhos. Também de todos os entrevistados poucos usam meios de transporte para se deslocar à escola onde os filhos estudam, o que significa dizer que os pais entrevistados tem todos os aportes para se fazer presente na formação dos seus filhos, pois não trabalham o dia todo e a escola ou creche não localiza-se distante da sua moradia.

A propósito, (Graça, 2014), enfatiza a importância do papel do pai na vida de uma criança, tendo em conta que é ali que ele se espelha e cria a sua percepção do mundo, e não tendo a presença do pai na sua socialização, é muito provável que o mesmo não terá uma percepção diferente do pai em relação aos seus filhos.

Podemos dizer que mesmo que a mãe passe mais tempo com os filhos, não se deve menosprezar o papel do pai. Ele contribui para o crescimento do filho de diversas maneiras, como no caso quando é íntegro na sua posição de pai em assumir as responsabilidades sobre os filhos. É dele que as crianças aprendem os traços masculinos para formar a sua personalidade (GRAÇA, 2014).

Conforme a fala de (Isabel), de 39 anos, antes dela ser mãe já trabalhava no serviço municipal, porém a profissão do sonho era ser professora, e por causa da família teve que abrir mão da formação e do seu sonho. Caso muito frequente e constante na vida de algumas mulheres quando têm filhos, principalmente as com baixa renda mensal. Muitas abdicam dos seus sonhos ou a sua formação para priorizar a formação dos filhos. Circunstância que não

encontramos nos relatos dos homens, de acordo com a fala dos dois entrevistados não houve necessidade de abrir mão da sua formação para se dedicar aos filhos. “Eu não parei meus estudos, porque minha irmã mais velha abdicou para nos ajudar a ficar com a nossa filha e terminar a nossa formação” (João, 2020)⁷.

Ainda sobre o depoimento da (Isabel) sobre a questão de antes de ser mãe, já tinha consciência da responsabilidade e do compromisso da maternidade e quais estratégias adotar para conciliar a educação dos filhos com o seu trabalho a entrevistada respondeu que já tinha noção da responsabilidade da maternidade. Uma das estratégias utilizadas para conciliar a formação dos filhos e o trabalho foi deixar os filhos sobre o cuidado de sua mãe. De acordo com a mesma, foi eficaz o método uma vez que ficava menos preocupada no trabalho sabendo que os deixava sob o cuidado da avó.

Nesse âmbito, podemos enfatizar a importância da maternidade compartilhada, pois muitas mulheres, inclusive o caso dessa entrevistada, com seis filhos e não possuindo uma renda elevada, o que impossibilitava colocar os filhos na creche e arcar com as despesas dos materiais exigidos pela creche e, ainda com outras despesas de casa.

Na mesma perspectiva, a entrevistada (Joana) salienta que antes da maternidade trabalhava na construção de “banquetas”⁸, e como profissão do sonho planeava ser professora. Todavia, teve que abrir mão da sua formação ou trilhar seu sonho para participar na formação dos filhos. No período da maternidade a (Joana) não trabalhava e o fato do marido arcar com a parte financeira da casa, ela via na obrigação de cuidar dos filhos e do lar.

“Sim, antes ele assumia completamente, mas agora faleceu eu que estou à frente de tudo” (Joana, 2019).

O contrário, a entrevistada (Augusta)⁹ não precisou-se abrir mão de sua formação para experienciar a maternidade, por outro lado, a mesma não sabia da responsabilidade que era ser mãe e como estratégia para conciliar a formação da filha e sua profissão teve que colocá-la na creche e para se fazer presente na socialização da filha, ela usa meio termo:

“Uso meio termo, mas não consigo conciliar as duas coisas, mas às vezes acabo por deixar um de lado e na maioria das vezes deixo o trabalho”. (Augusta, 2020)

⁷ Entrevista realizada via Facebook, por Sónia, 2020.

⁸ Construção de diques nas ribeiras e lugares de fácil acesso às águas de chuvas.

⁹ Entrevista realizada via Facebook, por Sónia, 2020.

Ainda acredita que o método foi eficaz porque quando está com a família deixa o trabalho de lado e vice-versa. Em face a esse relato, podemos trazer exemplos de várias outras mulheres que acreditam ser a principal responsável pela socialização do filho e acabam deixando de lado sua formação ou até mesmo emprego em detrimento da família. Pois, partem da ideia que a responsabilidade dos filhos é exclusivamente delas e caso o filho não atingir êxito na sua formação a culpa será delas, ou ainda, a sociedade irá culpa-las. Com base nos relatos dos entrevistados não percebemos a situação onde acontece o contrário, situação do homem abrir mão do seu trabalho ou formação para se dedicar à socialização dos filhos.

Na mesma perspectiva, (Domingas) alega que cedeu a continuação da sua formação acadêmica para fazer presente no dia a dia de suas crias. Contudo para conciliar a sua formação e a educação dos filhos adotou como estratégia:

“Procurar uma pessoa de confiança para me ajudar enquanto estou a trabalhar, e foi eficaz esse método uma vez que, essa pessoa é de confiança, ensinava tudo as minhas filhas da mesma forma que eu” (Domingas, 2020).

Analisando o relato dos entrevistados constatamos que não tiveram que abrir mão da sua formação ou desistir dos seus propósitos para se dedicar à educação dos filhos. De acordo com (Thiago), uma das estratégias para conciliar a formação dos filhos e a sua profissão foi elaborar uma agenda de tarefas, dividindo horário de trabalho e horário vago para estar com os filhos, no entanto não soube informar se a estratégia foi eficiente ou não, posto que, ainda está na fase de certificação.

Com base nisso, analisamos o quanto as atribuições sociais em torno da figura materna pesa, tendo em conta que conforme (João), a sua esposa concluiu o bacharelato e hoje em dia dedica seu tempo para cuidar dos filhos, enquanto ele, não deixou de lado a sua formação, dando seguimento à sua licenciatura, ou seja, não teve necessidade de abdicar da formação para se fazer presente na vida dos filhos, tendo em conta que auxilia com a parte financeira. Para conciliar a sua formação com educação dos filhos, ele controla os horários (tempo do serviço e o horário com os filhos). No entanto, presume que foi hábil a estratégia:

Porque quando os filhos estão na escola eu estou no trabalho e regressamos juntos para casa por isso ficamos, mas próximo um do outro, a formação e a educação é a melhor herança que um pai pode dar ou filho, Por isso os pais tem que exercer a sua função (João, 2020).

Ao pergunta-las qual a sua percepção sobre seu papel na formação dos seus filhos? Na nossa sociedade estruturalmente patriarcal (determina figura masculina como sinônimo do poder) e se acredita que com o passar do tempo as mulheres irão compreender seu papel na formação dos seus filhos? De que maneira?

Podemos perceber que a percepção da maioria dos entrevistados está atrelada à ideia que as estruturas familiares que há muito tempo vem sendo reproduzidas, fruto de heranças coloniais (muitas das vezes patriarcais e machistas), sobretudo sob o gênero feminino, ou seja, a percepção das entrevistadas esta correlacionada com as atribuições dignadas a elas como a principal e a única responsável pela formação dos filhos, pois segundo a Isabel, “ela foi boa mãe, ofereceu para seus filhos tudo o que podia, e acredita na possibilidade que o papel da mulher da sociedade irá mulher, uma vez que mesmo sem um trabalho que chega para cuidar dos filhos elas conseguem.”

“Sim, porque sem um trabalho que chega para cuidar dos meus filhos, consegui” (Isabel, 2019).

Para a entrevistada (Joana), a participação da mulher na formação dos filhos é primordial, pois ela é mãe e pai ao mesmo tempo e considera que com o passar do tempo as mulheres irão compreender seu lugar na formação dos filhos, visto que a mulher é base de tudo.

“Eu tenho um papel primordial porque sou mãe e pai ao mesmo tempo dos meus filhos” (Joana, 2019).

No entendimento da (Augusta) o papel dela na formação da filha é fundamental, sem querer diminuir a importância do pai na socialização e educação dos filhos, entretanto acredita que a presença da mãe é indispensável e insubstituível.

Relativamente à pergunta: acredita que com o passar do tempo as mulheres irão compreender seu papel na formação dos seus filhos? Se sim, de que maneira?

Uma das entrevistadas alegou que hoje em dia tanto pai como a mãe têm o mesmo papel na formação dos filhos ela como mãe tem um papel importante para a formação dos filhos e acredita que com passar dos tempos a compressão das mulheres sobre seu papel na educação dos filhos irá mudar, dado que hoje em dia a maioria das famílias são monoparentais, os filhos são educados somente pela mãe, então as mulheres tendem a fazer de tudo pelos seus filhos.

Com relação à pergunta, se o marido assume as responsabilidades na educação dos filhos e de que forma? E a mulher deve ser a única responsável pela educação dos/as filhos/as? Concordas? Se não, porquê?

Baseado nas respostas das entrevistadas testemunhamos que os maridos apenas cumprem com a parte financeira e quanto ao responder o questionário afirmam que eles ajudam e que os maridos cumprem com as suas obrigações ou responsabilidades na formação dos seus filhos. Todavia, uma das entrevistadas enfatizou que o marido acompanha os filhos nas atividades escolares e pertence à associação dos pais e encarregados de educação, e a maior parte alegou que o marido participa na formação dos filhos através do diálogo e responsabilidade financeira. Com isso, elas assumem inteira responsabilidade dos filhos sob suas costas.

Segundo (Augusta):

“O meu marido acompanha o crescimento da filha, está sempre ativo na vida dela, dá amor, carinho, limites, proteção, alimentos no seu geral e, principalmente, dá o exemplo” (Augusta, 2020).

Ainda conforme o (Thiago), “a mulher não deve ser a única responsável pela educação dos filhos porque pai desempenha papel fundamental no desenvolvimento e equilíbrio psicológico dos filhos”.

Além da visão da mulher como a principal responsável pela formação dos filhos, também tem a ideia da figura paterna como exemplo em casa, segundo a fala do (Thiago), podemos entender que acreditam na ideia da figura paterna como sinônimo de respeito em casa, ou seja, havendo figura paterna em casa, os filhos tendem a não desobedecer a mãe, dessa forma faz com que muitas mães acreditam estando mesmo na relação, a qual o pai não cumpri suas responsabilidades, só o fato de tê-lo em casa já contribui bastante, fazendo com que ela tenha respeito dos filhos.

Nesse cenário, (Graça, 2014) explana:

O homem como líder da família deve assumir a sua responsabilidade na educação dos filhos. Atualmente, os homens, mesmo sendo chefes de famílias, não cumprem as suas obrigações. Podemos justificar que se tem notado que os pais preocupam mais com o sustento da família de que com a educação dos filhos. A educação é deixada para a mãe ou para a escola (GRAÇA, 2014 p.47).

Ainda de acordo com o pensamento da referida autora, o pai como chefe de família precisa reconhecer que a sua participação em todos os momentos assegura com mais vigor as qualidades da formação. A liderança familiar precisa cada vez mais do pai responsável para tomar parte nos problemas caseiros em todos os momentos necessários. O pai como chefe de família, tem por obrigação exercer as suas funções e reconhecer as necessidades básicas e sociais da sua estrutura família. No entanto, (João), alega que assume as suas responsabilidades na socialização dos filhos, tanto a nível financeiro como afetivo:

Claro que sim, tanto participar a nível econômico como a nível participativo (presencial) para dar amor, carinho, etc e castigar também quando é preciso. Eu como pai assumo as minhas responsabilidades em plena na educação dos meus filhos, fazendo tudo por eles (João, 2020).

No que concerne à pergunta sobre a mulher deve ser a única responsável pelos filhos, a maioria dos entrevistados declararam que não, tendo em conta que a mesma não faz a criança sozinha, portanto a responsabilidade deve ser de ambas partes. Os dois devem cuidar dos filhos e zelar para a sua formação.

Relativamente à pergunta de quais fatores acreditam fazer com que condicionam ou delimitam mulher à família e aos filhos, conforme a maioria dos relatos percebemos que o fator econômico influência bastante. Embora nos dias de hoje as mulheres estão adentrando em todos âmbitos sociais, o fator econômico ainda tem impacto sobre suas reivindicações da mulher apenas como responsável de família.

De acordo com a ideia de (CUTSEM (2001) citado por GRAÇA (2014):

O pai é aquele que deve estar presente e próximo da família. Para mostrar a responsabilidade sobre os filhos, o pai deve estar ligado a todos os assuntos da casa, uma vez que a responsabilidade não deve ser deixada apenas para as mães, mas os pais também devem participar no seu desenvolvimento.

De acordo com essa realidade percebe-se quando o papel do pai vai além do aspecto financeiro, isto é, muitas das vezes numa família se têm a presença masculina, porém apenas como o papel estabilizador e de abastecer o conforto da família, não dando apoio emocional ou convivendo efetivamente no quotidiano do filho. Desse modo, MONTEIRO (2009) aponta que, “não temos mulheres em muitos lugares atuando (política e economicamente) muito por causa desses papéis (domésticos), aos quais a maioria delas vai desempenhar”.

Ainda as dificuldades de acesso ao emprego e ao mercado de trabalho por parte das mulheres residem em grande medida no seu baixo nível de instrução e escolarização e ou da

inadequação da formação às necessidades do mercado. A taxa de analfabetismo entre as mulheres, particularmente entre as mulheres do mundo rural, continua sendo elevada, não obstante a tendência decrescente que se vem verificando.

Dessa forma, podemos dizer que quando o pai tira a sua responsabilidade de participar ativamente no dia a dia da criança, não reconhece a importância, da sua presença na vida futura do filho, a formação e socialização dos filhos terá grandes impactos, pois depende de duas pessoas, visto que a partir da sua base, a criança começa compreender o significado da vida e os processos da sociedade. Conforme o relato de (Domingas), a professora, o que delimita mulher à família e aos filhos para as que trabalham é fator o tempo:

[...]para mulheres que trabalham o fator tempo, porque infelizmente nós as mulheres temos mais responsabilidades as vezes na família e dificuldades são muitas como já tinha dito tinha que jogar com tempo para poder fazer tudo (cuidar dos filhos, da casa, lavar etc.), as vezes não sobrava tempo para mim (Domingas, 2020).

No que tange às primeiras dificuldade depois de ser mãe /pai, segundo os relatos dos pais podemos analisar que fator econômico e familiar ou um pouco mais do esforço, prevalece uma vez que depois da chegada dos filhos se esforçam para não faltar nada aos filhos e segundo as mulheres, a preocupação de levantar várias vezes de madrugada para cuidar dos filhos, abrir mão de algumas outras coisas, sobretudo a questão do tempo, pois a partir daquele momento tudo que fazem é pensando nos filhos, prevaleceu.

No que concerne à educação e formação dos filhos, as sociedades africanas, principalmente as que foram colônias do Portugal, reverberam grandes impactos desse processo colonial como a divisão de tarefas baseadas no gênero “masculino” e “feminino”. A universalização dos saberes do ocidente para o mundo impactou diretamente na ideia do homem fora da casa, distante da família, buscando sustento da família e mulher em casa, responsabilizando pela educação e formação dos filhos.

Para (Van Pelt (1996), citado por Graça (2014) o ensinamento dos pais para paternidade tem sido tristemente descuidado, isto é, o homem precisa desenvolver a consciência do seu papel no desenvolvimento de uma criança. De modo infeliz, devido a vários fatores como a ideologia de gênero ocidental legitimada em Cabo Verde, a nossa sociedade definiu os papéis baseados nos gêneros, o que influencia muitos homens a não apresentar uma postura responsável no seio familiar, com receio dos estereótipos os quais podem ser apelidados, e também a construção da masculinidade como sinônimo de homem rígido e inflexível.

Todavia, a mesma autora enfatiza a importância do papel do pai na vida de uma criança, tendo em conta que é ali que ele espelha e cria a sua percepção do mundo.

Podemos dizer que mesmo que a mãe, passe mais tempo com os filhos, não se deve menosprezar o papel do pai. Ele contribui para o crescimento do filho, de diversas maneiras, como no caso, quando é íntegro na sua posição de pai em assumir as responsabilidades sobre os filhos. É dele que as crianças aprendem os traços masculinos para formar a sua personalidade (GRAÇA, 2014, p.).

Para muitos pais, impor distância nos filhos é sinónimo de respeito, ou seja, muitos pais não permite uma certa aproximação com os filhos, pois ajuízam que devido aquela interação os filhos possam não os respeitar, ou tem possibilidades de não os obedecer. Muitos atuam apenas com a parte financeira nos filhos e acompanham a socialização dos mesmos a distância sobre a responsabilidade da mulher.

Com base nos relatos das mulheres entrevistadas podemos afirmar que a sociedade cabo-verdiana ainda lida com os impactos coloniais no que refere à posição que a mulher ocupa, em que cada membro de uma determinada família tem geralmente papéis pré-definidos nos quais geralmente a mulher é a responsável pelo lar e pela educação dos filhos, sendo o homem o provedor do lar, aquele que busca o alimento da família, ou seja, a conduta dos pais considerados como os “legítimos” dirigentes das famílias, aquele que possui o poder máximo da casa.

Entretanto, esses impactos influenciam perceptivelmente na percepção que essas mulheres têm sobre o seu lugar na educação dos filhos, dado que durante a entrevista nenhuma delas mostrou consciência da limitação que a sociedade coloca sobre seu lugar, sobretudo a respeito da formação dos filhos, ou melhor, das atribuições que foram construídas ao longo do tempo na sociedade em torno da mulher. Elas responderam os questionamentos na base daquilo que provavelmente já está enraizado na percepção delas, ou seja, a visão que se tem sobre a mulher relacionada ao cuidado da família, o que possibilita afirmar que o ambiente doméstico se tornou comum na vida delas.

Com base nas referências teóricas utilizadas ao longo da pesquisa, consideramos que na atualidade nota-se uma ligeira disparidade quantitativa no que tange à representação feminina nos cargos políticos e tomada de decisão, isso se deve referente à herança colonial em Cabo Verde, a qual persiste subalternizar o papel e a importância da mulher. Pois isso nos remete refletir sobre as estruturas familiares que há muito tempo vem sendo herdadas e reproduzidas. Ou seja, a percepção das mulheres entrevistadas reflete os impactos do processo da colonização em Cabo Verde e as consequências que o mesmo gerou na sociedade cabo-verdiana, pois as

mesmas não têm percepção que o lugar delas relacionado à família e ao lar se incumbiu devido aos discursos produzidos ao longo desse período.

No entanto, ficou perceptível o peso que as estruturas sociais de gênero têm sobre a sociedade cabo-verdiana, principalmente no que tange, ser mulher como detentora dos trabalhos domésticos e a formação dos filhos e ser homem como o responsável pelo sustento da família e casa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou o trabalho de pesquisa constatou-se o questionamento sobre a maior presença feminina nas escolas locais onde estudei. Não só no que desrespeito a compor o corpo docente, mas também como mulheres fazendo parte direto da formação dos filhos. No entanto, achamos importante trabalhar com o tema, “A percepção das mulheres cabo-verdianas sobre a sua agência na educação dos filhos: o caso de São Lourenço dos Órgãos entre 2009-2019” e diante disso o trabalho teve como objetivo geral, compreender a percepção que as mulheres cabo verdianas têm sobre seu papel na formação dos seus filhos.

Durante o desenvolvimento da pesquisa percebeu-se que o objetivo geral foi atendido, uma vez que, o trabalho conseguiu efetivamente constatar que a ideia da mulher atrelada à socialização dos filhos está ancorada nos papéis socialmente atribuídas a elas. Com relação aos objetivos específicos, que inicial foram: identificar os discursos produzidos sobre o gênero feminino como o responsável para cumprir ativamente o papel de zelar pelo lar e pela formação dos seus filhos; refletir sobre os motivos que levam as mulheres em relação aos homens a participar mais na socialização dos seus filhos e discutir a percepção das mães cabo-verdianas sobre seu papel na vida escolar dos filhos também conseguiu-se alcançar as metas propostas, visto que ao longo da pesquisa constatamos que a percepção da mulher cabo-verdiana está muito limitada àquilo que a sociedade define como certo.

Inicialmente a pesquisa partiu da hipótese de que a mulher cabo-verdiana participa ativamente na formação dos filhos devido à construção social do papel que é atribuído à mulher (de ser aquela cuja sua principal função é tutelar e zelar pela educação dos seus filhos), e durante a pesquisa descobriu que, de fato elas não têm a consciência aprimorada de que aquilo foi uma construção para seu gênero e de que, são capazes de ocupar outros espaços. Compreendemos que a problemática da pesquisa foi respondendo, uma vez que segundo as entrevistas o papel delas na formação dos filhos é primordial e insubstituível, o que implica dizer que é a mesma ideia que a sociedade impõe sobre a mulher, a que geralmente tem sido comum e que a reduz à figura materna, no sentido em que são consideradas as principais responsáveis pela socialização e condutas dos filhos.

Para compreendermos melhor a percepção dessas mulheres trabalhamos com método qualitativo e como técnica de coletas de dados, a entrevista, que nos possibilitou um contato direto com as(os) entrevistadas(os). A pesquisa se deu em Cabo Verde no final do ano de 2019 e o início do ano de 2020, com base nos depoimentos de seis entrevistados, dentre esses temos

quatro mulheres cabo-verdianas da cidade de São Lourenço dos Órgãos e dois esposos de duas dessas mulheres.

Diante da metodologia propositada percebe-se que a pesquisa poderia ter feito uma coleta de dados com maior número de pessoas, principalmente com mais mulheres e de forma presencial, já que nesse trabalho diante do percalço de tempo e da condição financeira só foi possível analisar falas de seis entrevistados, onde percebemos que dado o processo colonial e histórico em Cabo Verde, a separação das tarefas durante esse período sobretudo o papel do homem no exército e a mulher responsável pelos afazeres de casa e dos filhos, e ainda os discursos de gênero produzidos no país, alicerçados na ideologia europeia, em que o homem é tido como o provedor da família e as mulheres em casa zelando pelos filhos, são narrativas que ainda influenciam as mulheres hoje a não se adentrarem em outros espaços.

No discurso dos (as) nossos (as) interlocutores (as) constatamos que a percepção que as mulheres têm sobre seu papel na educação dos filhos, é algo que já está posto na sociedade, isto é, se colocar como a principal responsável pela formação dos filhos e para isso muitas das vezes acabam deixando de lado seus sonhos ou seu trabalho para se dedicar exclusivamente aos filhos. Como citado acima, na nossa pesquisa os relatos dos homens, não se diferenciaram, ao exercer sua responsabilidade na formação do filho, tem percepção de “auxiliar” na formação dos filhos. Muitas das vezes auxiliam na base de diálogo e assunto financeiro.

No entanto, podemos dizer que a formação da mulher para com os filhos é concebida como algo obrigatório, enquanto para os homens é algo subjetivo, funcionando como uma ajuda à mulher. Desse modo, consideramos como algo naturalizado na sociedade a maior participação das mulheres na formação dos seus filhos. Entretanto, durante a entrevista percebemos que algumas mulheres já estão questionando esse lugar posto a elas na sociedade, algo que antes era indiscutível.

Também percebemos que a contraposição do gênero na socialização e formação dos filhos pode ser algo extremamente defeitos, uma vez que espera-se que esses sejam ou tenham referências do pai ou da mãe, mas ao crescer em um ambiente, presenciando a mulher sendo incumbida apenas aos afazeres domésticos e à formação dos filhos, isso com certeza repercutirá na sua vida futura, pois para criança os primeiros ensinamentos são passados dentro do seio familiar e esses servirão de exemplos para o mundo afora.

No entanto, concluiu-se que a escola deve trabalhar a questão da educação não como uma exclusividade das mulheres, mas como uma obrigação de todos, ou seja, a construção desse processo que é como já sabemos, um processo que nunca se finda, ele demanda os esforços tanto dos homens como das mulheres, pois é essa mesma educação que vai se dar aos filhos,

ela terá um impacto direto no futuro destes, visto que a escola e família são dois meios que tendem a trabalhar na mesma direção para o próprio bem da criança inserida dentro da sua comunidade e suas ações futuras. E a partir desses ensinamentos, discutir as estruturas familiares que há muito tempo vem sendo reproduzidas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADA, Rutte Cardoso. **Diálogos encruzilhados: afrocentricidade, mulherismo africana e as possibilidades epistemológicas emancipatórias.** In. Experiências em Ensino Pesquisa e Extensão na Unilab. Org. Geranilde Costa e Silva e Evaldo Ribero Oliveira. Vol. 3 IMPRECE. Fortaleza, 2018. Pág. 379-398
- BALANCHO, Leonor. **Ser pai: transformações intergerações.** *Análise Psicológica*. 2 (XXII), 2004. p. 377-386.
- BENINCÁ, Ciomara; GOMES, William. Relatos de mãe sobre transformações familiares em três gerações. **Estudos de Psicologia**, v. 3, n. 2, p. 177-205, 1998.
- CABRAL, Iva et al. **Cabo Verde, uma experiência colonial acelerada (séculos XVI-XVII).** 2001. p. 49-78.
- CASSAMA, Daniel Júlio. **Amílcar Cabral e a independência da Guiné Bissau e Cabo Verde.** Araraquara: Ed. Unesp, 2014.
- DA GRAÇA, Amélia. **A Responsabilidade da família na educação dos filhos estudo de caso em famílias monoparentais.** Praia: Universidade Jean Piaget de Cabo Verde, 2014.
- DIOP, Cheikh Anta. **A unidade cultural da África negra.** Esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. 1959. p. 1-97.
- EBUNOLUWA, Sotunsa Mobolanle. **Feminismo: a busca por uma variante africana.** Tradução Luana Cristina Muñoz Roriz, v. 3, n. 1, p. 227-234, 2009.
- FERREIRA, Suelda. **A Identidade no processo de construção da nova identidade.** 2008.
- FIORIN, Pascale et al. **Reflexões sobre a mulher contemporânea e a educação dos filhos,** n. 2. p. 102-132, jul./dez. 2011.
- FREITAS, Waglânia et al. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Rev. Saúde Pública**, v. 43, n. 1, p. 85-90, 2009.
- FU KIA.U, K. Kia Bunseki et al. **Kindezi: A arte kôngo de cuidar de crianças.** Por Mo Maiê. Terreiro de Griôs, set. 2017.
- FURTADO, João Paulo. **Evolução da educação em Cabo Verde antes e depois da independência.** 2008.
- LOPES, Rosinete da Conceição **A importância da participação dos pais na vida escolar dos filhos.** 2011.
- MADEIRA, João. **A língua cabo-verdiana como elemento da identidade.** Revista de Letras, Praia, v. 2, n. 12, p. 77-85, 2013.
- MENDONÇA, Gracelinda. **O envolvimento dos pais e encarregados de educação na escola caso: escola secundária Manuel Lopes Cidade da Praia.** Praia, 2012.

MONIZ, Elias. **Africanidades versus europeísmos: pelejas culturais e educacionais em Cabo Verde**. 2009.

MONTEIRO, Eurídice. **Entre os senhores das ilhas e as descontentes identidades: classe e gênero na estruturação do campo político em cabo verde**. Recife: Ed. UFPE, 2014.

MONTEIRO, Eurídice. **Mulheres, democracia e desafios pós-coloniais: uma análise da participação política das mulheres em Cabo Verde**. Praia: Edições UNICV, 2009. (Coleção Sociedade; 4).

MORAIS, Joaquim. **Cabo Verde: um projeto de país e a ideologia da educação como estratégia para o desenvolvimento**. 2009.

OYEWUMI, Oyeronke. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas**. Volume 1, Dakar. Codesria. Traduzido por Juliana Araújo Lopes. p. 1-8, 2004.

PERUCCHI, Juliana; BEIRÃO, Aline Maiochi. Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, dez. 2007.

SÃO LOURENÇO DOS ÓRGÃOS (Cidade). Instituição Nacional de Estatísticas. **Dados populacionais da cidade de São Lourenço dos Órgãos**. São Lourenço dos Órgãos, 19.11.2019. Dados disponibilizados via email pelo serviço de apoio a utilizador INE.

SCHOLL, Camille Johann. **Matriarcado e África: a produção de um discurso por intelectuais africanos: Cheikh Anta Diop e Ifi Amadiume**. 2016. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) - Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SILVA, Carmelita; FORTES, Celeste. **Mulheres em Cabo Verde: experiências e perspectivas**. Praia: Edições UNICV, 2013. (Coleção Sociedade; 4).

SILVA, Fabiana. Escolarização de famílias negras: superando limites e barreiras. In: SANTIAGO, Eliete; SILVA, Claudilene e SILVA, Delma. **Educação, escolarização e identidade negra: 10 anos de pesquisa sobre relações raciais no PPGE/UFPE**. Recife: Ed. UFPE, 2010. p. 197-233.

SUTTER, Cristina; MALUSCHK, Júlia. **Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa**, n.1, p. 74-84, jan./mar. 2008.

TAVARES, Fernando Jorge. Educação e diversidade em Cabo Verde: um estudo sobre a pedagogia de exclusão da língua materna do Sistema de Ensino Educação. In: PEREIRA, Amílcar Araújo; COSTA, Wesley (Orgs.). **Educação e diversidade em diferentes contextos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015. p. 1-328.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. Visões sobre as mulheres da sociedade ocidental. **Revista Ártemis**, n. 3, dez. 2005.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Olá prezado/a, sou **Sónia Maria Ramos Gonçalves**, estudante do último semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia na **Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB**, Campus dos Malês, situado no município de São Francisco do Conde- BA, Brasil. E, para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, estou pesquisando “**A percepção das mulheres cabo-verdianas sobre a sua agência na educação dos filhos: o caso de São Lourenço dos Órgãos entre 2009-2019**”, cujo objeto da pesquisa, consiste em compreender a percepção das mulheres cabo-verdianas sobre seu papel na educação dos seus filhos e refletir a percepção dessas mulheres, tendo em mente os discursos produzidos sobre o gênero feminino em torno dos processos históricos coloniais em Cabo Verde como as responsáveis para cumprir ativamente o papel de zelar pelo lar e pela educação dos seus filhos. Como método, está sendo realizado o estudo bibliográfico, objetivando construir a fundamentação teórica do trabalho e a realização da entrevista semiestruturada em Cabo Verde, especificamente na ilha de Santiago, cidade de São Lourenço dos Órgãos. Para tanto, agradeço a sua disponibilidade e contribuição na elaboração da minha monografia para o trabalho de conclusão de curso (TCC).

Sessão 1- Identificação

1. Nome:
2. Idade:
3. Gênero: Masculino () Feminino ()
4. Orientação sexual: _____
5. Estado civil: _____

Sessão 2 - Agregado familiar

6. Números de filhos/as: _____
7. Idade de cada filhos/as: _____
8. Nível de escolaridade: _____
9. Distância para a escola: _____
10. Usam qual meio de transporte para transitar a escola?

Sessão 3 - Formação escolar/acadêmica

11. Tem nível de formação básica/superior. Se sim, qual sua área de formação?
12. Qual sua profissão atual: _____

Sessão 4 - Profissão

13. Qual sua profissão atual?
14. Fazia algum tipo de trabalho profissional antes de ser mãe/pai? Se sim, o que fazia?
15. Qual é a profissão de seu sonho?

Sessão 5 - Informações sobre maternidade

16. Teve que abrir mão de alguma formação para se dedicar a sua família?
17. Antes de ser mãe/pai, você tinha consciência da responsabilidade e do compromisso da maternidade?
18. Quais estratégias adotou para conciliar a educação dos filhos com a profissão?
19. Esses foram eficazes? Se sim, de que forma?
20. Na nossa sociedade estruturalmente patriarcal (determina figura masculina como sinônimo do poder), qual a sua percepção sobre seu papel na formação dos seus filhos?
21. Você acredita que com o passar do tempo as mulheres irão compreender seu papel na formação dos seus filhos? De que maneira?
22. Seu marido assume as responsabilidades dele na educação dos filhos? De que forma?
23. Quem são os responsáveis pela educação dos filhos na sua opinião?
24. Quais os fatores que delimitam e condicionam o papel das mulheres à família e aos filhxs?
25. Quais foram os primeiros desafios/dificuldades que enfrentou depois de ser mãe/pai?